20011-ST

Acquired with the assistance of the

Sophia Augusta Brown

Fund

JOHN CARTER BROWN LIBRARY

18-388w

MANUAL
DE DEPUTADOS,
OU
ADVERTENCIAS
AOS SENHORES
DEPUTADOS DAS CORTES DE LISBOA.

DEDICADO

AO SERENISSIMO SENHOR

D. PEDRO DE ALCANTARA,

PRINCIPE REGENTE,
E DEFENSOR PERPETUO DO BRASIL.

POR LUIS RAPHAEL SOYE',

Presbitero, Formado em Theologia na Universidade de Coimbra; Secretario da Academia das Bellas Artes do Rio de Janeiro, Socio do Atheneo das Sciencias e Artes de Paris, e Capelão do Thezoiro Publico.

Virtutem videant, intabescantque relicta.
JUVENAL.

RIO DE JANEIRO,
NA TYPOGRAPHIA DE SILVA PORTO, & C.ª
1822.

RPJCB

DEDICATORIA.

SONETO.

O Seculo, Senhor, dos Genios raros,
Que manda Jove á Terra malfadada;
Para a salvar da Corja depravada,
Dos homens monstros sempre por ignaros.

O Seculo, he tambem d' altos, preclaros
Genios, que a Lyra altissona, elevada,
Pulsando immortalizem a extremada,
Gloria de Heroes á Humanidade caros.

Agamenon, e Achiles canta Homero:
Virgilio, Eneias, e Octaviano canta;
De Tasso o Heroe subjuga o Turco fero.

A gloria antiga, q' inda ao Mundo espanta,
Eclipsada por vosso Genio espero,
Dai-me eu seja o Cantor de Gloria tanta.

A QUEM LER.

Suscipione si quis errabit sua,
Et rapiet ad se quod erit commune omnium,
Stulte nudabit animi conscientiam. PHEDRO.

Protesto com a possivel
Humana sinceridade,
Que nos versos, que se seguem
Pago só culto á verdade.

Sei que nestas advertencias
Nada produzi de novo:
Nem das sciencias a respeito,
Nem a respeito do Povo.

Romper matos inda virgens,
Calvalgar os Chimboraços,
Atacar Scylas, Charybdes:
Sulcar do Ethereo os espaços.

Não foi dado á desazados
Genios pobres como o meu;
Mas favoreça aos humanos
Quem esse bem recebeo.

Bem sei que tudo o que digo
São coizas muito sabidas:
Se julgo acazo ser util
He pelas dar reunidas.

E có poetico adubo
Algum tanto assezonadas,
Achão-se mais digestiveis,
E á memoria preparadas.

Quiz com fraze acanhadinha
Fazer ao Povo entender
Materias que ainda ignora
Apezar de saber ler.

E vendo ás claras que os Povos
Errão só pór ignorancia:
Dou-lhes geraes elementos,
E não lhos dou por jactancia.

Os Povos vão acordando
Já cansados de dormir,
Logo he muito necessario
Tratar só de os instruir.

Assim como observadores
Vemos entre os pasarinhos,
As mães darem o alimento
Proporcionado aos filhinhos.

Eu dou aos Povos principios:
Sentenças, definições,
Maximas, uteis proverbios,
Essenciaes instrucções.

Supplicando aos Deputados
Queirão males precaver,
Julguei que devia aos Povos
Ensinar a obedecer.

Denfendi os Brazileiros
Como Plinio defendia,
No Senado toda a cauza
Que justa lhe parecia.

No Brazil os Filhos vendo,
E em Portugal vendo os Pais,
Quiz pazes inaugurando
Findar as rixas fataes.

Tomei asezo a defeza
Do novo Augusto Marcelo;
Como á Virgilio o de Octavio
Mais digno do meu disvelo.

Porque o vi ludibriado
Por gente fora de si;
Por gente que ebria d' orgulho
Dava culto ao Potosy.

E quem não defenderia
Hum Bragança generozo,
Que pelos Povos s' entrega
Das Leis ao jugo pompozo

Que no Brazil determina
Servir de vivo modelo
Aos Reis, que a bem de seus Povos
Sacrificarem seu zelo.

E lhe Dedico o meu Livro
Porque ha quarenta Janeiros;
Que ao Grande Jozé seu Tio
Dei os meus Versos primeiros.

Dei-lhos porque nelle via
Dos Luzos posta a esperança,
Hoje os dou ao Grande Pedro,
Porque do Céo traz bonança.

Defendo a exemplar Matrona
De Augustos Reprezentante;
Que por vêr Povos felizes
Se sacrifica constante.

Se a Religião recommendo
He porque me convenci,
De que sem ella os humanos
Acabão por dar em si.

Por dar em si porque deixão,
Depravados, sensuaes:
De ser proximos dos homens,
Para o ser dos animaes.

O Dogma, Moral, e culto
Ateimo em recommendar,
Porque a mão de Deos só pode
O monstro plebe açaimar.

E dos nossos Deputados
Apressa constituidos,
Confesso me arrepiarão
Absurdos, e repetidos.

Jurarão banir abuzos,
Crear-nos instituições;
E resgatarem os Povos
Das illegaes vexações.

Prodigar aos climas todos
Onde inda Quinas tremolão:
Da Idade do Oiro as venturas
Qne inda sonhadas consolão.

E em lugar de nos cumprirem
As promessas puntuaes,
Por gostos, e por venturas
Dão-nos desgostos fataes

Dois annos ha que Magnates
Estão a sala entulhando,
E que proezas tem feito?
Eu lhas vou alinhavando.

Desfrutavamos Commercio,
Para irmos limpos vivendo:
E o que hoje temos nos basta
Para hir paulatim morrendo.

A que havia Agricultura
Para nutrir-nos bastava,
Hoje dão cardos os campos
Onde a ciaria ondeava.

A Industria que desfrutamos
He a Industria dos ladrões,
Que hoje protegidos gozão
D' indultos, e d' issenções.

A Plebe livre das penas
E certa da impunidade,
Os Cidadãos esfaqueia
Nos campos, e na Cidade.

Em lugar de produzirem
Liberal Código novo,
A insultarem as Leis feitas
Vão dezafiando o Povo.

Desfrutavamos paz Santa,
De todos o maior bem;
E hoje os nossos Deputados
Guerras sonhão, guerras vem.

E se fosse cós de fora....
Não Senhor, com os de caza
De verter o sangue Luzo
A paixão bruta os abraza.

O Brazil tratão de sorte
Que impolíticos s' expoem,
A que os Brazileiros cumprão
O que offendidos dispoem.

E optalmiacos são tanto,
Que a immensa perca não vem:
Se os Brazileiros cortarem
Os laços que inda os contem.

Tem-se portado de sorte
Que os Povos ao Diabo dão,
Deputados que malogrão
Frutos da Constituição.

Mas como se encarregarão
De nos curar as mazelas,
Como aos Medicos as quixas
Julguei essencial, dizelas.

Se acazo nas pinceladas
Que fui coacto a lançar,
Para aos Deputados juntos
Sua tarefa mostrar.

Se achar alguem escaldado
Pelo barrete o servir,
Pesolhe seja prudente,
E não se ponha a carpir.

Por que então se denuncia,
E quando as quexas aguça,
A todos mostra insensato
Que lhe serve a Carapuça.

Antes deve circunspecto
Se se achar comprometido,
Louvar muito o alfaiate
E n' outro pór o vestido.

Se os vejo torpes a ponto
De infame gala fazer,
Das torpezas, que praticão,
Heide nescio os defender?

Eu antes louvar quizera,
Mas não acho que louvar,
Quando a sátyra he preciza,
Devem-se as Odes calar.

Mas se apezar do meu zelo,
Alguem julgar o offendi,
Por dar á sátyra isca
Queixar-se deve de si.

ADVERTENCIAS

QUE

HUM ENTHUSIASTA DA FELICIDADE PUBLICA

OFFERECE RESPEITOZO E SINCERO,

AO

SOBERANO CONGRESSO

DAS CORTES GERAES EXTRAORDINARIAS

E CONSTITUINTES

DA NAÇA'O PORTUGUEZA.

Aperi, Domine, oculos eorum ut videant bona et salvent nos.

Em que maõs estas metido
Pobre Reino Pertuguez!
Se te visse em tantas ansias,
Que diria quem te fez.

He desgraça muito antiga,
Que insultos feitos ás Leis
Por desalmados Ministros,
E por despoticos Reis:

Venha punir a Anarchia;
Com grãnde prigo das gentes;
Pois de sucia cós culpados
Pune tambem innocentes.

Lizia os que te arrematarãõ,
Não prometem bom mercado;
Quando he máo cozinheiro
Sempre sahe máo o guizado.

Da timpánica fiducia,
Cad' hum o estandarte arvora:
Goardão sofregos o joio,
O trigo, deitão-no fora.

Ah! meu cágado peralta,
Para que taful arrotas?
Tendo tão tortas as pernas
Como has-de calçar as botas?

Audazes Decretos lançõ
Sem estudar resultados:
Abrem incautos as covas
Em que hão-de ser enterrados.

A Liberdade da Imprensa
He desafogo mui bello;
Mas quando se não limita
He desastrozo flagelo!

He a espada em mãos de doidos,
He no Mundo pór o Inferno:
Contagio atrós, que amiaça
Té ao mesmo Padre Eterno.

Danozos os gafanhotos
Que o Egypto devorarão,
Não forão como os escritos,
Que os ares nos empestarão.

Prigozos mais que da estrada
Sanguinarios salteadores,
São na Cidade os Sophistas,
Occos, venaes Escritores.

A mocidade envenenão
Cós sophismas das paixões,
São agentes das vinganças,
Da Anarchia, e das trahições.

Recolhido nos seus Lares
Ninguem se julga seguro;
A Vestal mesma no Templo
Receia apezar do muro.

Da Literatura adelos,
De Camões, Barros, Ferreira
A lingoa culta ignorantes
Vendem da ladra na feira.

E nisto são infelizes
Do que os Nicos muito mais;
Erros de lingoa, não fazem
Em nenhum tempo animaes.

Por dinheiro descarados
Vendem Patria, os mesmos Pães;
Como em toda parte vêmos,
São funestos animães.

Tornando aos nossos Archontes,
Ephoros, o que quizerem;
Pois sei bem, que se contentão
Com o nome, que lhes derem.

As Leis tempradas por elles
Creio, que elasticas são;
Pois as estendem, e encolhem
Como lhes dicta a paixão.

A Protecção pelos crimes
Poem Sociedade em perigo,
Quem della faz gloria cego
He das Nações inimigo.

Para os mais atrozes monstros
Afrocharão tanto as Leis:
Que os Ministros já não podem
Sem perigo ser fieis.

E desta piedade Santa
O fruto palpavel he;
O assassinio a que hoje entregue
O Reino todo se vê.

Themis com estes Legistas
Apezar de Deoza ser;
Verse-ia em papos d'aranha
Em prigo d'endoidecer.

Aquelles para que humanos
Atender mais deverião,
Tyranos sofrer lhes fazem
Penas que não merecião.

Onde se formou a culpa?
Onde forão processados?
Do Sexto João os Validos
Contra as bazes degradados?

He porque falsos, perversos
D' hum facil Rei abuzando:
Puzerão nossos tres Reinos
No estado mais mizerando.

Mas reparai, que esses erros
Vos retirarão da trama:
E do Poder có as branduras
Vos arranjarão a cama.

E para não vos sujardes
Com a vil nota de ingratos,
Deverieis da existencia
Comodos dar-lhes baratos.

Os malvados não confundão
Dignos do juizo final,
Cós que sem malicia errarão,
Sem tenção de fazer mal.

Jamais no Mundo foi crime
Ser valido d' hum Sobrano,
Então delles fugiria
Té o mesmo Papiniano.

Ao menos por Deos lhes pesso
Não sejão inconsequentes;
Có-as boas, ou más proêzas
Sejão-me sempre coherentes.

Quando o Brasil implorava
Do Poder Executivo
Huma porção, que o livrasse
Do férrete de cativo;

Responderão não podia
Dividir-se o tal Poder,
Quando Deos mesmo o concede
Ao Padre, que os absolver.

Mas agora que suspeitão
Que o Brasil não tem sandeos
Lhes dão o que haver não podem;
Mas não pelo amor de Deos.

Agora já offerecem
Em juntas o bem pedido ;
Acharão em fim o geito
De o poder ser dividido :

Quando a devassa ordenada
Foi para a Ilha dos Açores ,
Stokler já d' huma torre
Suspirava entre os horrores.

Quando outros magnates antes
Da devassa lhes chegar
Em liberdade são postos :
Isto sim que he governar.

Se de Stokler a devassa
Pronunciar em seu favor
Indemnisa-lo como hade
O Congresso Redemptor :

E se doente arrancado
Da sua Consorte aos braços :
Victima da tyrania
Da vida rompesse os laços ?

Soltão-se os monstros manchados
Có innocente sangue humano :
E n'huma masmorra Stokler
Suporta o furor tyrano.

Portugal de gloria digno,
Pelos caprixos do Fado:
Stokler geme nos ferros,
Foi Gomes Freire enforcado.

Se não tem outras façanhas
Com que os Reinos consolar
A estas mui similhantes
Em Argel podem-se achar.

As reformas com o tempo
Degeneradas perecem;
Mas as nossas degenerão
No momento em qu' aparecem.

Inadvertidos não olhão
Que os Sabios vexando assim;
E protegendo os malvados
Hão de ter péssimo fim.

Tão liberaes olhos meigos
Sobre o Brasil estenderão;
Tanto para o melhorarem,
Tanto entre si se entenderão.

Que ao protegido Marcelo
Que o bom Deos quer resgatar
Das garras crueis da intriga,
Que o busca sacrificar:

Vendo

Vendo se tinha ficado
Em ar de Augusto penhor,
Porque o Nume omnipotente
Se mostra seu Protector.

Receiando que este acazo
Desse de si consequencias,
Que danozas lhes cauzassem
Talvez fataes esquinencias.

Determinarão benignos
Sabios Administradores,
Que fosse Menino Illustre
Viajar com Professores.

Aos dez, e nove Janeiros,
Diniz entra a governar,
E com vinte, e tres, a feitos,
Pedro mandão viajar:

Que pegando na Princeza
D' Imperadores Herdeira,
Cós dois filhinhos nos braços
Fosse de Londres á feira.

Princeza reprezentante
D' hum Throno hoje principal:
Raça Augusta cujo Chefe
Veio á luz em Portugal.

Que infeliz novo Stuardo
C' os filhinhos, e a mulher,
Fosse mostrar o arbitrario
Do escandalozo poder:

Sem repararem illuzos,
Quanto se comprometião,
E que ao Principe insultando
A Europa toda offendião.

A Europa, que as cicatrizes
Da cruel democracia,
Inda vendo mal curadas,
Com o terror se arrepia.

O Resgatarem o Reino,
Do precipicio profundo,
Em que dos Aulicos torpes,
O lançará o bando immundo.

Seria Patriotismo
Aos nossos Quarenta igual,
No feliz dia em que ouzados
Resgatarão Portugal.

Se decentes o fizessem;
Respeitando as mais Potencias:
Tendo sempre para a Croa,
Devidas condescendencias.

Sobre tudo c' hum Sobrano ,
Tão benigno , e paciente ,
Que annui-o ao sacrificio
Por ver seu Povo contente.

Mas dos crueis demagogos
Roberspierre , atrós Mara
Có exemplo extinguir pertendem
Throno que em terra tem já.

Sem reflectirem obtuzos
No que está ha muito sabido ;
Que Republicas não pegão
N' hum Mundo já corrompido.

E que o orbe Illuminado ,
Pela docta Experiencia ;
Dos males das Nações todas
Instruido pela sciencia :

Dos extremos não quer nada :
Da Monarchica mania ,
E da Republica os sonhos ,
Darão á França avaria.

Dos Tarquinos a torpeza ,
Roma á Republica ergueo :
E da Republica em França ,
Hum Bonaparte nasceo.

Sabemos que os dois extremos
Viciozos quando são;
Entre elles existe o trilho
Da Justiça, e da Razão.

Felizmente em fim achousse
A pedra filozofal,
Dos Governos, té agora
Procurada muito mal.

Achou-se graças ao louco,
Temerario Cromwel,
Que o Rei só constituido
Aos Povos era fiel.

Então das paixões izento,
Izento dos lagalhés,
Que sanguichugas famintas
O inaugurão Bey de Fez.

Fazer o mal não podendo
Coacto pratica o bem:
E em lugar de Rei flagelo
A ser Pay do Reino vem.

Assim respirão libertos
Os Povos das Anarchias,
A que sempre os sacrificão,
Abuzos das Monarchias.

Mas se os homens escolhidos
Por Povo, mal informado,
A ervilhaca aproveitarem,
E o trigo se vir pizado.

Então perdeo-se o feitio:
E augmentou-se muito o dano;
Pois tyranos mil coroa,
Derrubando hum só tyrano.

Logo nos primeiros passos,
Que os novos Eleitos dão,
As claras se vêm as ditas,
Que hade esperar a Nação?

Os nossos principiarão
Cós topes a disputar;
Sobre as côres, que serião
Mais dignas de os inculcar.

Como não ha quem não tenha
Alguã cor favorita,
Cada hum defendeo a sua,
Cada hum pela sua grita.

Julgou-se fóra sería
Rematação de contratos;
Mas sabido; todos rirão,
Vendo espuma entre dois pratos.

Outra algazarra estrondoza
Por objecto serio teve,
Se trazer Cão, ou Cabrito
Cascaveis ou guizos deve.

Não sendo a sciencia infinita:
Gritão sem medida alguma,
Deitando fóra a substancia
Para aproveitar a espuma.

Impoliticos mostrarão
Mesmo sem disfarse algum,
Do rancor contra os Bragança
O emvenenado bedum.

Paixão nelles mui abjecta,
Que nada os recomendava;
Pois do Throno a baixo o tombo
Ao ver de todos bastava:

Mas sobre tudo he principio
Que em todos os tempos val;
Augmentar ao desgraçado
Não devemos nunca o mal.

A fazer não se atrevendo
O que se fez em Paris:
Sem razão que os justifique,
A hum Rei por bom infeliz.

Nescios ao Rei despojarão
Já não só da dignidade,
Té de Rei constituido
Lhe roubão a authoridade.

Sem verem que he cazamento
Que faz o Rei co' a Nação,
E que entre noivos não deve
Haver falta d'afeição.

Ciumes são contrabando
Em todo o bom cazamento;
Mutua, fiel confiança
He d'Hymineo fundamento.

E ao Filho Principe Augusto
Que hade vir a ser seu Rei,
D'ir pedir pão á seu sogro,
Dictarão a absurda Lei.

Porem nisso o que fizerão?
O que faz quem vai errado,
Que por mais que ande, e desande,
Sempre se vê desgarrado.

O Brasil já descomposto
Pellas mais torpes maneiras;
Tratado o Principe vendo
Có as sem razões mais grosseiras.

Vendo-se assim atacadas
Amhos pelo mesmo mal ;
Para salvar-se buscarão
O meio mais natural :

Entre Scylla , entre Charybdes
Sem ver por onde sahir ,
Pela injustiça opprimidos
Acabarão por se unir.

Fizerão cauza commuã ,
Sobre os altares jurarão ;
Protextar contra a violencia
Das Leis com que os infarmarão.

E a tomarem tal partido ,
Quem inepto os obrigou ?
Sabem quem ; o alto Congresso ,
Que os Decretos assinou.

A infancia outra vez torna-los ,
Mete-los no pó querião ;
Homens cegos esquecidos
Do absurdo que cometião.

Nenhuma Nação no Mundo
Deve ser como os Actores ,
Qne passão a ser Escravos
Tendo sido antes Senhores.

Vendo o qu' esta inadvertencia
Fecunda Mãy pode dar;
Morder-se hão dedos, e punhos;
Pois de si se hão-de queixar.

Devião ver que se arrisca
Corda a mais grossa a romper;
Quem imprevisto, obstinado
S' empenha em muito a torcer.

Supor devião que Pedro
Onde dizem não ha trez
Constituição, que analizem,
E á quem importe o que a fez:

Podia achar inda Sabios
Que os decretados artigos;
Lendo mostrassem ao Mundo
João Sexto entregue a inimigos.

Achar integros Ministros
Sparciatas sizudos;
Que á favor da Liberdade
Apliquem honra, e estudos.

Que afastando-se dos erros,
Em que vos virão cahir,
Voando ao Templo da Gloria
De que vos virão fugir:

E que a honesta Liberdade
Só querendo inaugurar ,
Fujão do mal que a convulsa
Tem por uzo propagar.

No Brasil se constituão ,
De maneira tão formal :
Que a Constituição que derem
Vos sirva de original.

Ah que o Brasil não tem inda
Lyceos , nem Academias :
E a culpa quem a tem tido ?
Quem o entregou ás Arpias.

Más o termo Liberdade
Tal qual do alto Céo sahio ,
Sabios , e Heroes fáz das pedras
Como na França se vio.

Se por fim dezesperados
Por feliz necessidade ,
Livres se constituirem
Senhores da sua herdade :

Se grato o Principe aos Povos
Que lhe dão o que negais ;
For exemplo , e for modelo
De Reis Constitucionaes.

Se aborrecendo os abuzos
dos desastrozos Tyranos :
S' enriquecer có as virtudes ,
De Aurelios , e Vespazianos.

Se vendo Sancho , e Fernando
Por Lagalhés naufragar ;
Só com gente , lida , honrada
Se deixar accompanhar :

Se Pedro esculpir seu nome
Nos bronzes da Eternidade ;
Nas Americas primeiro
Rei Heroe da Liberdade.

Principe creio escolhide
Pelo Divino Poder ,
Para o Brasil vasto a Imperio
Com virtude , e braço erguer.

Então si que agradecidos
Aos que errando os resgatarão ;
Statuas erguer-lhes devem
Pois á seu favor errarão.

Quando logo nas auroras ,
Arrotarão arengueiros ,
Julgei ver no Capitolio
Os Senadores guerreiros.

Mas depois como entre os bichos
De que Hyzopo he director ;
Se encontrão muitos exemplos
Uteis ao bicho Impostor ;

Vi a Rã enfatuada,
Que có a insania de avultar,
Sorveo ar em tal quantia
Que acabou por estalar.

Isto que amigo aqui lembro
He receita que lhes dou
Contra a filaucia ; doença
Que sempre em Cortes entrou.

Como hão de acertar o rumo
Os que em objetos mui claros ;
Os ilhaes pregando em terra
Se denuncião ignaros.

Em primiar as virtudes,
Em os crimes castigar,
Se funda toda a sciencia
Nas artes de gorvernar.

Não olhão que sem costumes
Leis não podem ter vigor ,
E que de moral exemplos
Nos deve o Legislador :

Religião não reputáõ
Digna de atenção madura:
Pois difamala permitem
Mesmo sem previa censura ;

Agora vamos ás Bazes
Do novo Templo das Leis:
Vejamos se são tão claras
Que as analizem Bedeis.

E dará por paos , e pedras
Genio o mais original ,
Que quizer dar Leis aos Povos
Sem Religião , nem moral.

As Bazes são mandamentos
Tão fazeis de comprehender
Que os moços de pao , e corda
As possão logo entender ;

Os Mandamentos sagrados
Modelos palpaveis são ;
Se as Cataratas do tempo
Os deixassem ver quaes são.

Elles bem examinados ;
Regendo o sacro , e profano :
Só dez abrangem a tudo
Relativo ao bicho humano.

Nelles acerrimamente
Se nós prohibe o matar ;
E sacrilega a Tolice
Se empaveza em perdoar.

As Bazes que nos prezentão ;
Com que pertanas queimarão ;
Com que mezes estendidos ,
Cismarão , e recismarão :

Não mostrão da singileza
A requerida sancção ,
Pois entre ellas vejo alguãs
Sugeitas á comissão.

Sobre tudo o que he mais triste ,
He as Bazes desmentidas ;
No momento em que no berço ,
Inda não estão lambidas :

Pois fazem já dos Poderes
Hum monopolio indecente ,
Com que desmentem a Bazes
Da Constituição nascente.

Sem verem que os alicerces
Quem imprudente abalar ;
Caza , Palacio , ou Castelo
Hade no chão derrubar.

Enganchão o executivo,
Com Decretos repetidos,
Ao mesmo tempo legislão,
E executão decididos.

Feitos Ministros da guerra,
Dão audiencia aos militares,
No que mostrão terem medo
D'espoletas, e alamares.

Declarão que precavidos
Os quatro Poderes roem;
Vendo a Patria no perigo.....
Em que elles mesmos a poem.

Então despessão Ministros:
Té o Rei espectador.
Pois livre de prigo a Patria,
Não são elles q' hão-de pór.

Com o Direito das gentes,
Có publico, e có das Nações,
Não se afligem, não se matão
Por não ter consumições.

Com o Patrio ainda menos,
Direito individual,
So lhes toa; á elle ajuntão
As bullas-do natural.

Perdem o tempo a moeda
Em serios desbatizar,
E dos metaes pelo pezo
Em o valor alterar.

Não querem ver consequencias,
Pois não vem que os monetarios,
Qantos, có a falsa moeda
Males farão nos erarios.

Se for calculo seguido
Prefirão o decimal,
As confuzões desvanece
A opinião he geral.

Tem peças de cruz, e cara,
Motivão complicação;
Das duas escolher huã,
Ao meu ver fora razão.

Em lugar de discutirem
Se uvas, ou trigo os bordados
Devem mostrar: pór deverão
Os fundos bem regulados.

E tanto he má essa bulha,
Que no Congresso introdus
De Bacho, e Ceres disputas
Que vir não devem á luz.

Só se querem taboletas
Fazer dos canhões luzidos,
Para inculcarem os frutos
Que em Portugal são colhidos.

Quanto aos pámpanos, e cachos
Contra o Norte que assovia,
Receitão o vital Nectar
Chamado de feitoria.

Licor forte a quem se deve
A mór parte dos progressos,
Que a favor da humana gente.
Se tem feito nos Congressos.....

Licor milagrozo tanto
Que inflamando a Inglaterra
Fé-la Senhora dos mares,
E pouco a pouco da terra.

A respeito das espigas,
Com que o Sol os campos doira,
Goardai-as em quanto virdes
Entre vos pobre a lavoira.

Lembrem-se antes de que Christo,
Clerigos só fez, e vio;
Que entrando Voltair nos claustros
O Esprito Santo fugio.

Antes lembrem-se que as Freiras,
Pelas paixões pervertidas;
Os seus Conventos transformão
Em cazas de arrependidas:

E que melhor lhe seria
A Freira, que namorar;
Ao lado de hum bom marido
Bons filhos á Patria dar.

Quantos males Fanatismo
Ao Povo infeliz tem feito,
Religião infamando
Digna d' amor, e respeito.

Fazendo estão novidades
Ao meu ver tanto precizas;
Como para ir para á cama
Punhos de renda em camizas;

Novidades decretadas
Desfazem por outro lado;
Colonia outra vez tornando
O Brazil já á Reino alçado:

E có isto soprão insanos
O odio cruel, fatal;
Que o peito humano incendeia
Contra quem o trata mal.

Offendem da Natureza
A primeira , santa Ley ,
Pois na amizade se funda
Todo a bem da humana grey.

Os Brazileiros descendem
De Luzos Heroes valentes,
E os tratais como se fossem
De capros vis descendentes.

Mas tomão para vingar-se
As armas dos generozos ;
Protestão não imitar-vos ,
Em erros tão vergonhozos ,

Pois estão bem convencidos ;
Que insultando-vos a vós ;
Insultão degenerados
As cinzas de seus avós :

Por conseguinte se cegos
Por delirio os maltratais ;
Em lugar de os infamar-des
A vos mesmos infamais.

A huns prometem rizonhos
Broinhas da Liberdade ,
Da eseravidão para os outros
Augmentão a crueldade :

Jurarão do despotismo
Aniquilar os revezes :
Vejo tropa na Bahia
Fuzilando Portuguezes :

A todos tenho gritado
A morte do Povo, e freira ;
As Cortes não se atribua ;
Quem foi anda sem vizeira.

E a Tropa se foi nefanda
No sangue Irmão que verteo :
Foi paga pelos Mascates ,
E aos Chefes obedeceo :

Creio devemos prudentes
As Cortes não accuzar ,
D'hum crime , que faz espanto ,
E as carnes arripiar.

Pois que atroz fatalidade ,
Nosso bom Deos não seria !
Que o nosso sangue bebesse ,
Quem resgata-lo devia.

Na chusma dos protegidos
Pelo facil João Sexto ,
Bons , e maos de tudo vemos
Como de ameixas em cesto.

Os bons , e os menos culpados
Cautelozos degradarão ;
E algums Chefes da quadrilha
Comcomitantes deixarão.

Os que tinhão , feito o exame ,
Sahido justificados :
Inda apezar dos decretos,
Por elles são fulminados.

Apezar dos Literarios
Trabalhos uteis gloriozos ,
Com que honrarão sua Patria.
Sabios , e laboriozos.

Apezar do zelo ardente ;
Com que Illustrados varões ;
Criarão na Corte nova
Sabias administrações :

Pope..... foste perseguido
Pella Inveja como Auctor :
O mesmo Monstro abocanha
Ao teu fiel Traductor.

Nos que lá tem já nas garras ,
Não confundão os ladrões ,
Com os que forão Ministros ,
E sahirão pobretões :

Pois creio desagradavel,
Que tendo o oiro nas unhas,
Sendo fiel saia hum Phócion,
Manchado com vis alcunhas.

He costume inveterado
Nos Reinos de Portugal:
Filinto expira em degredo,
E Camões n' hum Hospital.

Foi a Nação Portugueza
Por Pombal regenerada:
E por émulos raivozos
Foi sua morte votada.

Assim provão, que mais feros,
Que o Rei que estão a humilhar;
Em lugar de Liberdade
Estão ferros a forjar:

E ao mesmo tempo que ufanos
Dão da Liberdade o grito,
Se alguem lhes faz advertencias,
Logo o declarão proscrito.

Não prendem compadecidos
A quem os Templos queimar;
Mas extinguem te o amigo
Que os quizer alumiar.

Vem-se imprudentes cahidos
No mesmo laço que armarão ;
Có a Liberdade da Imprensa ,
A quem as redeas largarão :

E se bem intencionados
Fossem esses meus Senhores
Sobre quem luzes lhes desse
Derramarião favores :

Ao menos assim fazia
Pedro o grande Russiano ,
E nisso justo imitava
Ao bom , eterno Trajano :

Ambos fieis protegião
A todos os que zelozos ,
Os convencião dos erros ;
Do bem geral dezejozos.

A mim tambem podem gratos
Hum presentinho mandar ,
Mas o presente , que quero
He velos justos brilhar :

Advertencias , que vos faço
Poçonha alguã não tem ;
He hum Pay chamado Padre ,
Que os filhos conduz ao bem ;

Se acazo me maltratarem ,
Em homens novo não he ;
De Pytagoras na morte
Na Italia ingrata se vé ,

Mas a mim não pregais peça
Pois antes quero morrer ,
Do que por maos , ou por nescios
Ver-vos o Reino perder.

Os homens vejo afferrados
Tanto de errarem no empenho ;
Que se quer para atura-los
Pachorra , que já não tenho.

Quem pode viver n' hum tempo
Sem Religião , nem Moral ;
Em que obtuza a Mocidade
Aos vicios só he leal.

De Sciencia pobre , mas rico
Sou de Patrio enthuziasmo ,
Tanto que vendo egoistas
Cheio de terror eu pasmo :

E se houver algum nas Cortes
Deos lhe dé apoplexia.
Para que não pegue aos outros
Sua anti-humana mania :

Dos dezastrozos abuzos
Inimigo declarado
Em qualquer forma que os vejo
Lhes lanço o rayo abrazado.

Se as carapuças servirem
Perdoarão por esta vez:
Se acazo bem reflectirem,
A culpa tem quem me fez.

Se criticarem o estilo
Por ter em si mica salis:
E acharem que não he proprio
De quem chega a barba ao calis.

Digo-lhes muito se enganão;
A primeira obrigação,
Dos Padres, he advertirem
Aos que vem, qu' errados vão.

No resto prefiro sempre
Para o bem, de Horacio o sal,
Ao azebre, e á pimenta
Do mordente Juvenal.

Mas seria coiza rara
Que da Regia Magestade,
Os Destruidores, ferissem
O Vate da Liberdade:

É porque ? porque com trovas ,
Como os antigos Poetas ,
Quer guiar do acerto ao porto
Seus Comcidadãos Atletas.

Como hoje cada hum no mundo
He Conde de Para si :
Perdoem terme esquecido
Por fallar hum pouco em mi.

O fraco humano élevado
Ao cume do alto poder ,
Ebrio de orgulho , e filaucia
O sizo vem a perder :

Có a desgraça comedidos ,
E prudentes todos são :
A furtuna quebra as redeas
Da justica , e da Razão.

Bolimbrock na sua quinta
Prudente por desgracado ;
Do que abuzara em Ministro
Se acuzava envergonhado

Dizião que João Sexto
So tratantes empregava ;
Que a caturras , e a malvados
Sua protecção só dava :

Que seu gosto era a desordem
Baixa intriga o seu estudo,
Que da croa enthuziasmado
Cego a preferia a tudo.

Quem quizer estude a lista
Dos meninos que a atenção:
Merecerão dos Senhores,
Que hoje in pináculo estão.

E verão que estão iscados
Já todos do mesmo mal;
Dos empregados por elles
O mais limpo quanto val?

Em quanto ao segundo ponto,
Tão despoticos estão,
Que sós mechendo a panela,
Aos Ministros opio dão.

O Rei he o gazcteiro,
Que contas á Europa dá,
Do que pelo habil Congresso,
Decretado fica já:

E o que fazem com mais arte
Talvez, que sem reparar:
Soprão o anarchico fogo,
Com que se hão-de chamuscar.

Sem perspicazes olharem,
Que do anárchico dragão,
Os mesmos que o nutrem parvos
Primeiras victimas são.

Inadvertidos levantão
O pendão de Becharia,
Sem verem que a experiencia,
Nos livrou dessa mania.

Com afectada indulgencia
A favor dos crimes todos,
E na illuzão absoluta,
Comque d' errar achão modos.

Procurão salvar a Patria
Com o systema sublime;
De perseguir a virtude,
E protegerem o crime.

Do Povo são delegados
Ao Povo devem servir,
Que coiza he servir ao Povo?
He de males o remir.

E para mostrar ao Povo,
Que ainda ignora quem he,
Sua antiga dignidade,
Que cego ainda não vé.

E como inda por desgraça
Pode haver apagador
Da verdade, que duvide
Inda se o Povo he Senhor.

Julgo muito necessario
Có a luz chamuscar-lhe os olhos,
E como se inculcão cegos
Tirar-lhe eu mesmo os antolhos.

Os Povos forão Senhores
Dos Mundos antes que os Reis:
Logo anterior aos Monarchas
Temos o Imperio das Leis.

Vendo-se o Povo inquietado
Pela cruel Anarchia,
Fez huma junta de velhos,
Que o Governo em si teria.

E fez nisto, o que inda fazem
Os Fidalgos de razão,
Que vendo-se baldos ao naipe
Pedem administração.

Os velhos vendo-se juntos,
Entrarão a rezingar,
E as vezingas começarão
Os Povos a incomodar:

O Povo que sempre vemos
Primeiro Dono da caza,
E negar-lhe o Senhorio
Seria ser taboa raza.

Desconfiando dos velhos
Apezar da experiencia,
Apezar da madureza,
E inda apezar da Sciencia.

Entregou-se todo inteiro,
D' alguns ricos ao dispor;
Escolheo poucos, julgando
Achar em poucos primor.

Ricos erão egoistas,
E quer mais o que mais tem;
Senhores de queixo, e faca
Prevaricarão tambem.

O Povo que conservava
Força, e direito em vigor;
Os mandou todos á fava,
E vio-se outra vez Senhor.

Mas eis-lo já atrapalhado
Có a precizão de Governo,
Dezejou aborrecido
Procurar Chefes no Inferno.

Como tinha posto em poucos
Té ali a governança :
Confiando a caza á muitos ,
Julgou teria bonança :

Póz os olhos nos Magnates ,
Que então mais se destinguião
Por valor ou por fazenda ;
E mais que os outros sabião.

E não vio , pobre papalvo ,
Que có essa errada esperteza ;
Novo inimigo creava
dando principio a Nobreza.

Não se passarão Janeiros
Que não visse nos seus danos ;
Que os chefes seus augmentando
Tinha augmentado os Tyranos.

Cada hum dos novos eleitos
Se julgou logo hum Monarcha :
Sem ver o pouco que aperta
O nescio que muito abarca.

Logo tratarão de escravos
A todos os cidadãos :
Para a opressão , para o roubo
Todos se derão os mãos

Assim como c' hnã toalha
S' enxotão da caza as moscas ,
O Povo os foi enxotando
Apezar d' iras , e foscas.

A Oligarchia aqui vemos
Ja por má abandonada :
Depois a Aristocracia .
Por pior inda enxotada.

Esprimentar quis de novo
Se acazo elle governar ,
Sabichão ja poderia
Sem Tartufos aturar :

Organizou-se ao seu modo
Escolheo Arengadores :
Com o nome decorozo
De Cidadãos Oradores.

Os Oradores berravão ,
E o Povo he que decidia :
Fazendo o papel de Sancho
Com gente que o illudia.

Se os Naires tinhão errado
Por abuzar do poder ;
Estes a Patria perdião
Por sem rebuço a vender.

Por ao ostracismo, á morte.
Os virtuozos mandar:
E os ocos Aristocratas
Atraiçoados poupar.

De tristes inconsequencias
Todo o Mundo foi theatro:
As Paixões só legislando
Fizerão o diabo a quatro.

Convenceo-se então de novo
Có estes novos testimunhos,
Que a sua Democracia
Não tinha cruzes, nem cunhos.

Para evitar barrafundas,
Buscou entre os mais cordatos
Hum a quem fez seu Mordomo
Senhor da dispensa, e pratos.

Mas sendo muito ordinario
Os Morgados serem tolos,
Como Eneias ao Cerbero
Nosso Mordomo deu bolos.

O Morgado papa moscas
Sempre golozo os comeo,
E como de opio erão feitos,
Coitadinho adormeceo.

O Mordomo cavilozo,
Que o vio bem adormecido;
Continuou com a droga,
Que o tinha tambem servido.

Apoderou-se dos trastes,
Da caza se apoderou,
E Senhor feito das rendas,
A herdade se apropriou.

Entrou a reger sozinho,
E o amo que mandriar
Sempre queria; deixo-se
Mesmo de contas tomar.

E succedeo o que sempre
Temos visto acontecer,
O Senhor que mal governa
Finda por obedecer.

Vendo que o Povo seu amo
A força em si conservava,
Arma com q' inda dormindo
As vezes sustos lhe dava.

Como as rendas possuiá
Astucioso alugou;
Cohorte de homens valentes
Com que o Poder sunegou.

Eis aqui a origem clara
Dos Chefes chamados Reis,
Que se fizerão Senhores
Té o ponto de dar Leis.

Abuzarão de maneira,
Que aos Povos já constrangião;
A ganhar suando aflitos,
Quanto elles gastar querião.

Os repetidos vexames
Juntos ao vil tratamento:
Da caza o Dono accordarão,
E experto tomou assento.

Depois d' esfregar os olhos,
E os membros expreguiçar:
Depois de abrir bem a boca,
E os joelhos apalpar.

Refletindo..... enfureceose
Como era mui natural;
Mas vio não ser bagatela
Remediar a tanto mal.

Os Reis estavão ja fortes,
Os Naires contra si tinha:
Assentou que Reis, e Naires
Conservar muito convinha.

Dos Reis, e gente escolhida
Novo governo formou:
Có esta feliz aliança,
Creio que emfim acertou.

Como da escolha que o Povo
Para a Assembléia fizer,
Dependem só as reformas,
Que executadas requer.

Hoje prevista Ariadna
Vou-lhe o fio administrar,
Que do Dédalo intrincado
O possa salvo tirar.

No que amigo vou dizer-lhe
Tome o Povo bem sentido;
Em materia deste lote
Deixe de ser distrahido:

Não dé seu voto a quem veja,
Falto de Religião:
Homem tal sempre he máo homem,
Não pode ser Cidadão.

Moral dispensar não queirão,
Homem com marca immoral,
Em qualquer parte, que o ponhão,
Hade sempre cheirar mal.

Não me nomeie prudente
Nenhum homem já marcado ,
De máo pay , e máo marido
Pelo ferrete infamado.

Nos cazados antes vote ,
Quem tem filhos , e mulher ,
E administra bem a caza ,
Hade fiel proceder.

Os rediculos peraltas ,
Viciozos peralvilhos ;
Os libertinos obcenos ,
Os caloteiros casquilhos.

Tratai-os como se trata ,
A ovelha que esta gafada ,
Que d' entre as outras se tira
Para salvar a manada.

Sem que lhes valha de Duques
Serem ditos descendentes ;
Inda que tenhão os donos
Do Potosys por parentes.

Para bem os conhecerdes ,
Os sinaes certos vos dou ,
Dictados pella experiencia
Mestre que jamais errou :

Lenços fofos na goela
Alvo palito no dente;
Fina bota luzidia,
Calça por justa indecente.

O vistido afunilado;
Colete curto, e mesquinho;
Talvez com brincos d'orelha;
E anel no dedo maminho.

Na entrega dos vosso votos
Não consulteis a paixão;
Quem inspirar-vos só deve
He Patriotismo, e Razão.

Não busqueis homem perfeito,
A culpa tudo desfez:
Có estes sinaes pelo grosso
Contentai-vos esta vez.

E como tendes dos grandes
A imbécil fragilidade;
De gostardes da lizonja,
E de caturra que agrade.

Os que virdes sorrateiros
Sem pejo lizongear:
Por isso mesmo que intrigão,
Os deveis logo arredar.

Quem busca anciozo emprego,
E intriga para o colher,
Delle se declara indigno,
Filhos não tendo, e mulher.

Hora, parabems, já temos
Cazados Nação, e Rey;
E o laço bem apertado
Com toda a força da Ley.

Falta-nos inda erigido;
Juiz em quem o poder jaz,
De conservar sempre intacta
Entre os cazados a paz.

Hum Tribunal permanente,
Constante equilibrador;
Que o cego Abuzo reprima,
E a Ley conserve em vigor.

Teve os Ephoros Sparta
Unica rara Cidade,
Onde cad' hum reprimido,
Tinha a Lei só por vontade.

E hoje ha Cidades no Mundo,
No extremo oposto ao meu ver;
Onde có escándalo infame
Cada hum só faz o que quer.

Erão Ephoros só cinco,
E do Senado, e dos Reis,
A conducta examinavão,
E a sugeitavão ás Leis.

Roma inventou Tribunato
De tal modo organizado,
Que se os Cónsules continha,
Tambem continha o Senado.

Aproveitemos ao menos
As lições da experiencia:
Saquemos da sciencia antiga
A nosso favor sciencia.

Chegou o tempo ditozo
Dos Povos se resgatarem
Do monstruozo arbitrario,
E livres já respirarem.

Vai-se a época espantoza
Em que d' hum doido as paixões;
Podião impunemente
Matar homens aos milhões.

A Monarchia absoluta,
Qual Aguia voraz cruenta;
Lagar-lhe custa das garras
A preza que inda ensanguenta.

Mas em fim hade larga-la
Da Liberdade o clarão,
A era traz da justiça,
Da Verdade, e da Razão.

Graças á França potente,
E a prepotente Inglaterra,
Que as Constituições propicias
Inculcão á toda a Terra.

Mordeivos a punhos brutos,
Ferozes conquistadores;
A aurora da Liberdade,
He o occazo dos horrores.

Mas tem graça que a alliança,
Que na Europa se levanta,
Contra a humanidade toda,
Seja aclamada por Santa.

As Cruzadas, erão filhas
De huma bastarda Piedade;
E hoje, da Hydra cabeças
Brotão dos impios na idade.

No que fica bem vingada
A pura Religião;
Ella não pare Cruzadas,
São abortos d'Ambição.

São esforços, que confirmão
A cruel voracidade,
Dos monstros que se nutrirão
Có sangue da humanidade.

Té quando, Deozes, té quando
Permitireis que os humanos,
De toda a Lei inimigos,
Propagem cegos seus danos.

E vos, Tyranos algozes,
Que regais com sangue a terra,
Sois descendentes dos tigres
Para aos homens fazer guerra?

Meos queridos Deputados,
Se foi cumprida a lição,
Temde paciencia pacatos,
Fi-la com boa tenção.

Advertir não he negar-lhes,
A gloria, que se lhes deve,
Por ferros despedaçarem
Com que a Nação preza esteve.

Ao virgem mato não basta
O voraz fogo lançar:
He precizo arrotea-lo,
Lavrar fundo, e semear.

Repito sim por vós mesmos
Pois aqui meio não ha;
Se não salvais vossa Patria,
A Patria se vingará.

Vejo que não acertarão,
Em juntos se batizar;
O nome, que lhes compete
Buscão sem pode-lo achar,

De Cortes faustozo o nome
Não lhes competo ao meu ver:
Pois não he o ajuntamento
Qual nas Cortes se requer.

Pois Congresso ainda menos
Diplomatico este nome:
Reunião fofa anuncia,
Qne os Povos, ou venda, ou dome.

Como foi o de Vienna,
Que tanto tudo embrulhou,
Que, peor que Bonaparte,
Guerras crueis semeou.

Se ao de America appelarem,
Escondei a appelação;
Servir-vos-hâ se das Cortes
Fizer-des Federação.

Soberano..... Vade rotro.....
Có termo soberania ;
A Liberdade se ofusca ,
E se incensa a tyrânia.

E das crueis tyranias
A peor he a popular ;
Vio-se em Grecia , vio-se em Roma ,
Que em Anarchia vem dar.

Creio já ver hum luzido
Das Cortes Capitão-Mór :
As mãos , e barba esfregando
E a testa do máo humor :

Enchendo de ar as bochechas ;
Perguntar-me afogueado.....
E com que nome nos crisma
Censor bem intencionado ?

De Nacional Assembleia ,
Podia bem lhes cahir ;
Se a variedade nas formas
O quizesse permetir.

Como querem persuadir-nos
Que são feitos pelo Povo ;
De popular Assembleia
O termo não creio novo :

E de mais como no parto
Prometeis Constituição:
Constituinte Assembleia
O nome seja, e Blazão:

E nesta Assembleia juntos
Do seu nome em dezempenho,
A foz brilhante da Gloria
Conduzi d' Elizia o Lenho.

Estudem o que fizerão;
Brissot, Bailly, e outros mais;
Leião Vertot, que bem pinta
As revoluções fataes.

Tem livros mil, que os conduzão
No labyrintho emque estão:
As faltas da experiencia
Sempre curou a lição.

Có encanto das theorias
Exaltar vós não deixeis;
São danozas se rebeldes
Não podem quadrar có as Leis:

São Domingos innundada
De fumante sangue humano;
Mostra os theoricos sonhos
Quanto podem fazer dano.

Cuidem bem da amada Patria
Gloria, e riqueza augmentar;
Como jurarão no instante
Do Monarcha derrubar:

O sabio Schmit não desprezem
Na riqueza das Nações;
Alem deste se quizerem
Acharão mil sabichões:

Fora desgraça bem triste
Que infamia atroz não seria:
Se o Reino posto a pendura
Rica a Assembleia sahia.

Mas por Deos a ninguem lembre
Tal dezastre, tal horror:
Pedestal não temos inda
De Pluto em que a statua pór.

Lembra-te, Plebe ignorante;
Que a inveja ao qué governar,
Inda que seja qual Christo
Hade-o sempre diffamar.

Gloriozos os veremos
Dos Fabricios có a pobreza,
Do emprego acerbo em que servem
Sahirão có a fama illeza.

A desgraçada mizeria,
Do Povo, creio os commove;
Os meios de mitiga-la,
Creio, que cad' hum promove.

Não julgo que dos Chirurgos
A quem já mortal queixume
A compaixão não desperta,
Tenhão tomado o costume.

Sabem já sobre elles peza
Tal responsabilidade,
Que o Juiz incontrastavel
Hade ser Posteridade.

He certo q' errarão muito
Com sizo não mercantil;
Em se exporem a que as Quinas
Se apagassem no Brasil.

Que os procurou rezignado
Querendo tambem quinhão:
Da Liberdade nascente
Na feliz Constituição:

Porem como os receberão?
Como a moça dissoluta
Trata insolente ao Pateta
A quem traidora disfruta.

Em paga do enthuziasmo
Pouco geral, pouco visto,
Com que jurou cego ás Cortes
Como se jurára em Christo:

Hum Juramento que feito
Sem legal conhecimento,
He como na praia escrito;
Ou sobre as azas do vento:

Em paga das luminarias:
Da fogueiras chamejantes;
De voadores foguetes;
De bombas mil trovejantes:

Emque mostravão ao mundo
Dezejar có ancia tãobem;
Da Liberdade raiante
O tão decantado bem.

Receberão disfavores;
Muito indecente rezinga,
Mais aturar não poderão
Deputados de Narzinga.

Os q' então da Liberdade
Se achavão os despenseiros,
Assentarão não devião
Repartir c'os Brazileiros.

Da fraternidade em prova
A colonos os tornarão;
E o Reino, que os destenguia
Até nos mapas riscarão:

Julgarão que hum continente
De legoas mil e duzentas,
A quem Natura déo tudo
Có amigas mãos opulentas:

Devia menos ser Reino,
Que hum Paiz legoas não cem,
E cincoenta de largura
Que o precizo em si não tem.

E quem vio nunca hum beiçudo
Constituido em tutor:
Que desfalcasse o Morgado,
Da maior peça, e melhor.

Pois isto estão praticando
De Portugal os Tutores,
Pois o Brazil sacrificão
Que os reconheceo Senhores.

Sem escrupulo dizendo
Que tão pouco o destinguião;
Que só dos mapas nos riscos
Sua extensão conhecião.

E forão como os rapazes ,
Que das cores com o encanto ,
Admirão muito o registo
Semque lhes importe o Santo.

Creio ao menos por vergonha
Se deverião calar :
Não ha Lei que ao ignorante
Obrigue a se denunciar.

Prevendo que da desfeita
Ardidos os Brazileiros ;
Pela colera exaltados
Se acclamarião guerreiros.

Escolherão o partido
Mais capaz de os infamar ;
Ao Brazil mandão cohorte
Com ordem de o conquistar :

Conquistar he cazo horrendo ,
He o incendio de Lião ,
Da França rica Cidade ,
Victima da Convenção.

Nas rutilantes areias
Tomarão pé as cohortes ,
Como as pestes , e os incendios
Trazendo ruinas , e mortes.

Como as Ligiões Romanas
Ião barbaros domar
Ao Brazil phalanges Luzas
Voarão Luzos matar:

Mas as Tropas não tem culpa
Pois o insano sacrilegio
Dos Generaes he louvado
Das Leis em pleno colegio.

Os Generaes remetidos
Para o Brazil absolutos,
E em consequencia Senhores
De propagarem os lutos.

O favor desmascarado,
Comque insurrectas Ligiões;
Pelas Cortes são croadas
Dezafia insurrecções.

No agitado Pernambuco
Quanto hum intentou fazer;
Foi aplaudido nas Cortes
Apezar de horrivel ser.

E o Madeira que devia
Fazer o que o Moira fez;
Vejo agora não tem culpa
Em caminhar de travez.

E os Soldados não tem crime
Em nada do que fizerão ;
Pois fieis á disciplina
Aos Chefes obedecerão.

Este meu julgar se funda
Na insensata aprovação :
Comque foi vista nas Cortes
A fatal insurrecção.

Em lugar de ser punidas ,
As Tropas vem-se louvadas ,
Logo a fazer o que vimos
Se virão autorizadas.

Se esta concluzão he falsa ,
O Genuense que o diga :
A concluzão he tão clara
Quanto he execravel a intriga.

O Poder Executivo
Onde se não dividia ;
Já Procónsules mandava
Ao Brazil , que os não queria.

Quizerão tirar-lhe tudo
Quanto o Reino lhes formou ,
Como a caza que se despe
Depois que o morto abalou.

Emprehenderão reduzi-lo
A estado inda peor,
Do que aquelle em que sofreráõ
Dos Governos o rigor.

Vendo os Janissaros Luzos
Insolentes arrotar;
Jurando ao Brazil algemas
E grilhões novos deitar.

Despirão logo as jaquetas
As fardas embainharão;
Carregados de cartuchos
Em armas todos pegarão.

Do Rio sabendo o Povo
Que podia sem perigo,
Ser forte na sua terra
Contra qualquer inimigo.

Organizou-se de sorte,
De tal sorte se mecheo;
Que a fulminante cohorte
Dentro em navios meteo.

E o Aviléz circunspecto
Apezar d' insinuações,
Vio, que no fim carregava
Có pezo das concluzões;

Assim o Brazil pulido
A Tropa ás Cortes mandou,
E có este feliz rompente
Desafrontado ficou.

Nisto provou o que a Historia
A todos está mostrando;
Que todo o Povo em seus Lares
Sempre acabou triunfando.

Pois a Razão mesmo dicta
Que em caza cad' hum he forte:
E o temerario, que o busca
Có a infamia procura a morte.

Vejamos a Grecia exigua,
Tanto á Persia resistir:
Que com dez mil pode Athenas
Trezentos mil destruir.

Os montanhezes dos Alpes,
Guilhelme Tel posto a frente,
Apezar de hum grande Imperio
Não ficou independente?

Os Hespanhoes valerozos
De Carlos Magno invazor;
Em Roncesvalles não derão
Fim do exercito maior?

E os Francezes, que na Europa
Tanta batalha ganharão;
Sem da táctica o socorro
Constantes não rechaçarão?

Mas d' Hespanha os grilhões duros
Quarenta Heroes romperão;
E agora mesmo aos Franeezes
A despejar constrangerão.

Da maior parte das Galias
Inglezes se apoderarão:
Mas no fim da sua caza
Francezes Donos ficarão.

O Egypto, o buçal Egypto,
Que os furacões có as areias,
Inundão, como o inunda
O Nylo undozo có as cheias.

Onde erguidos monumentos
De huma vaidade illuzoria
Jazem no lodo atolados,
Dos seus Heroes có a memoria.

O Egypto não foi invicto
Para o exército rompente,
Apezar de Bonaparte
O commandar prepotente?

Onde estão trez armamentos
Que ardendo Madrid mandou
De Cortés contra a Colonia ?
A Colonia o vendimou.

E o Exército luzente
Comque o Consul pertendeo ;
Reconsquistar São-Domingos ?
São-Domingos o estendeo :

Se ouzada a America Ingleza
De Londres quebrou a Croa ;
Que medo o Brazil ter pode
Das esquadras de Lisboa ?

O Povo que quer ser livre
Venturozo o hade ser ,
Sempre que não debilite
Com divizões seu poder.

Venceo Bonaparte Povos
Porque os achou dezunidos ,
E muitos porque traidores
Lhos entregarão vendidos.

Os Aliados na França
Entrarão bandeira alçada :
Porque os Francezes são gente
Sempre em facções retalhada.

Porque deixou toda a Italia
Hum grande Imperio de ser?
Porque feita de farrapos
Não se querem entender.

De linho hum fio se quebra
Com toda a facilidade;
Mas muitos, e bem unidos
Augmentão difficuldade.

Talvez não falte quem diga.....
Não vem o calor febril;
Com que o genio enthuziasta
Defende ardente o Brasil.

O philantropo Las-Cazas
Defendeo Americanos;
Contra huma Corte illudida
Por Cortezaõs inhumanos.

Vieira, o exemplar Vieira,
O Brasil serio escudou,
Dos Cortezãos contra a peste,
Que o nosso Reino assolou.

E com estes dois exemplos
Tão dignos de imitação
Eu, Sacerdote como elles,
Aprovarei a oppressão?

E não já (o que he desgraça!)
Ante hum Rei cego, enganado;
Mas ante hum rancho de cegos,
Que arrastão todo o Senado.

C' os Brasileiros respiro,
Observo a suas tenções;
Que juro, que merecião
Nas Cortes mais atenções.

Os felizes não precizão
De zelozo defensor;
Aos insultados, e aflitos
Quem tem alma défavor.

Quem tem alma digo serio,
Porque ao Mundo vou provar;
Que em trezentos só dois homens,
Se podem disso gabar.

E Deos queira que os Senhores,
Que figurão a Nação;
Sejão dos dois por trezentos,
E tenhão bom coração.

Sejão pois meus congregados
Taes quaes julgo devem ser:
Para ao templo da Memoria
Os vossos nomes erguer.

Vossos Adibes não hão-de
Fozer-vos esse favor,
Os lizongeiros comprados
Sujão sempre ao comprador.

As Tribunas estão cheias;
O Povo esta muito atento:
Para ouvir sem pescar nada
Do ventilado argumento.

Mas isso tambem se via
De Paris na Convenção:
O peor, imitar sempre
He da humana condição.

Que o Povo assista he bem feito;
Mas quero hum Povo illustrado:
Não quero a relé do Povo,
Quero hum Povo não comprado.

Muita bulha, muito estrondo;
E no fim do espalha fato,
São montanhas, que rugirão
Para parirem hum rato:

Não tão rato, pois tratou-se
Gazeteiros d'ensinar
A contra o Congresso Augusto
Pennas em fel não molhar.

De sorte que de infalivel
O exclusivo privilegio,
Dos Conclaves emigrando,
Das Cortes foi ao Colegio.

Já lhes vai chegando ao vivo;
Já lhes vai mordendo a pulga;
Quantos disgostos não sofre
Quem mal pensa, e quem mal julga.

A Liberdade da Imprensa
Já lhes vai sahindo cara:
Pois as suas mesmas pelles
Vai já retalhando a vara.

Sede Catões, e Aristidos,
Sede Carnots verdadeiros,
Para Lucilios não terem
Que arranhar, nem gazeteiros.

Se inda assim vos arguirem
Vos deitareis no sofá,
Em que dorme imperturbavel
Consciencia, que pura está.

Bebei na taça da Gloria
Daquelle suave licor,
Com que Heroe se immortaliza
Da Patria o Libertador.

E se ao sordido interesse
Quizerdes almas abrir,
Findareis como de Ulisses
Os amigos a grunhir.

Revoluções sempre forão
Como Saturno voraz,
Que trincava os descendentes
Sem pejo, com toda a paz.

São Minotauros famintos,
Que por sanguinario instincto,
Devorão os temerarios
Que entrão no seu labyrintho.

Porque os que os Thronos derrubão
Em vista não tem o bem:
Buscão nas agoas revoltas,
O peixe que lhes convem.

O Povo então ressentido
Ao verse bigodeado;
Pelos mesmos a que illuzo
Tinha seus bens confiado:

Embravecido, raivozo
Sobre elles cruel se lança;
Com seu quente sangue ceva
Sua irritada vingança.

Praticado vimos isto
C' Orleans , e seus validos ,
Comprarão suas cabeças
Dos Povos os alaridos.

Dos homens bichos nas bulhas ,
Ambição he sempre o thema :
Calculando-se o interesse
Rezolvido está o problema.

Washington , Fabio moderno ,
Em premio da heroicidade
Com que servio ao seu Povo ,
Resgatando a Liberdade :

D'ambição sordida izento
Seus dias não acabou ?
Croado d'immortal gloria
Ao Templo eterno voou.

Tão feliz termo obtivera
Bonaparte ambiciozo ,
Se o fim dos Quichotes vendo
Fora mais judiciozo.

D'Elbo , a ilha tinha sido
Para elle hum Rilhafolles ,
Mas a vaidade hum momento
Não deixou de dar aos folles.

Raros são os que aproveitão
Da experiencia a lição,
Os que refletem são poucos,
E experiencia he reflexão.

Da Europa toda a ventura
A sorte lhe confiou;
Sacrificou-a a si mesmo,
Santa Elena nos vingou.

Abuzos da altiva Londres
Os Stuardos lançarão:
Reconquistarão o Throno;
Mas inda mais abuzarão.

Sejão pois Legisladores
Deixem os outros poderes:
Prefirão a Patria á tudo,
Té á filhos, e á mulheres.

Da infeliz especie humana
Sede nobres protectores;
Curai-a das chagas feitas
Por crueis conquistadores.

Ambição, paixão maldita
Ao homem tão natural,
Que bruto a adora sabendo,
Que sempre lhe foi fatal.

Ella de Roma orgulhoza,
De Palmyra rica, ovante;
De Babylonia opulenta,
E do Egypto fecundante:

Fez medonhos cimiterios
Onde o silencio, o terror,
Mudos estão publicando
Da ambição fatal o horror.

Onde não só montes d'ossos,
D'ambição vil são resquicios;
Té mortal espanto exalão
As ruinas dos edificios.

Religião, Patriotismo
São termos, com que impostores
Reinos tem sacrificado
Do fogo, e ferro aos horrores.

Olhai bem que Circe feita
Traidora, crua Ambição:
Vos não fassa queimar Povos
Có termo Constituição.

Vos tirais-nos o Governo
Dos nossos Avós, e Pais;
E o que prometeis por elle
Vede bem, que valha mais.

Mudanças tão perigozas
A fazer quem se condemna;
Deve achar juro avultado,
Que lhe pague bem a pena.

Livrai-vos que o Povo diga
Pelos geitos que lhes vemos;
Ficar todos reciamos,
Peor que nunca estivemos.

Sacai partido do genio
Com que Deos favoreceo,
Toda a Nação Luzitana,
Que em tōdo o tempo acolheo.

Se não anda a pár das outras,
Quem teve a culpa se vê;
Quando serio s'examina
O systema tal qual he.

Se a Plebe, que sobria, e docil
Antigamente creava
Impetuozos guerreiros,
Que a Europa toda admirava.

Se nos ámbitos sagrados
Por feliz educação
Respeitoza dava o Culto
Devido á Religiāe.

Se cós vicios corrompida
Quaes os Povos qnasi todos,
Templo, e Ministros insulta
Por mil sacrilegos modos.

Quem despreza o Ente sumo
Ao cego Atheismo entregue,
Respeito ás Leis, e Governo
Que muito que bruto negue.

Se mesmo os Pais pervertidos,
Có escandolozos exemplos,
Seus filhos ao vicio entregão,
E os afugentão dos Templos.

Se hoje de luzes privada
Sem Religião, nem Moral;
A traição anda matando
Mesmo a quem lhe não faz mal.

Se mais cruenta que os tigres,
Mais do que o lião rompente,
O peito do amigo rasga,
E até do mesmo parente.

Se o roubo, estupro, o assassinio
As quinas desacreditão:
E a Razão, Honra, e Justiça
A' Plebe surda em vão gritão.

Se o criminozo Egoismo
Sociaes laços cortou,
E do abismo sobre as fauces
A nossa Patria curvou.

A quem deve atribuir-se
Toda a culpa em cazos taes?
Aos pervertidos Governos
Que pervertem tudo o mais.

Ebrios có a tola mania
De absolutos perdoar,
De os monstros prezos em ferros
Dezatinados soltar.

Có a fatal impunidade,
E exemplos máos perverterão,
De tal sorte a boa Plebe
Que em atróz a converterão.

A Plebe he como os rapazes
Que em todas as partes são;
Taes quaes, os quer decidida
Boa, ou má educação.

Querem ter juizo mais claro
Do que o tem o nosso Deos,
Que para os máos fez Inferno,
E para os bons fez os Ceos.

Protegem os crimes quando
Estudos são desprezados ;
A sciencia , e té a virtude
São contrabandos marcados.

Quando o Publico he vendido
Sempre ao bem particular ;
A justiça em leilão posta
D'ambição sobre o altar.

O quadro , que vos prezento
Sei que agradavel não he ,
Porem como o que governa
Quasi sempre pouco vê :

Apurei pinceis , e tintas
Para fazer-vos bem ver ;
Para pór tudo a direito
Quanto tendes que fazer.

Como os Thezeos , e os Alcides ,
Monstros crueis debelárão ;
Debelai crimes , e abuzos
Que do orbe se apoderárão.

Vos sabeis q' entre os defeitos
O mais feio he o da avareza ,
Pois he origem dos outros
Só pela immunda torpeza.

Sempre o avaro he máo homem ;
Máo tudo , té máo Christão ,
Da Misericordia ás obras ,
Opposto com vil paixão.

Perfeitissimo retrato
Do Rhódano , e Goadiana ;
Somem na terra os thesoiros
Da veia que pingue mana.

E vos que hoje estaes Senhores
Da fonte da Liberdade ;
Regai liberaes com ella
Dos Luzos toda a herdade.

Generozos como o Nilo
Derramai soltas as agoas :
Submergidos fiqnem nellas
Os sustos , ansias , as magoas.

E assim como na Juvancia
Dos males todos curado ,
Portugal forte renasça ,
Por novas Leis remoçado.

E como para nutrir-se
Alimento he necessario ,
O Brasil sobre este artigo
He atacadissimo armario.

Pois declarastes ingenuos
Só nos mapas conhecer,
As Colonias, que aos trez Reinos
Vemos inda pertencer.

Eu que inda fora dos mapas
Conhece-las consegui;
Certifico-vos que em todas
Nosso desgoverno vi.

Todas achei esqueletos
Té os ossos devorados;
Por alguns ladrões famintos
Para as devorar mandados.

Da audaz, altiva Inglaterra
As Colonias como estão?
Das Colonias do Universo
Perfeitos modelos são.

Bem o México vejamos,
E mesmo ainda Manilhas,
Com o Brazil comparemos.....
E com as mizeras ilhas.

Como confessão não sabem
Que coiza seja o Brazil,
Vou delle dar-vos esboço
Sem ser o Doutor subtil.

Vou descreve-lo succinto
E farei por lhes mostrar,
Que hum pais tão rico, e vasto
Não se deve desprezar.

Das estrellas radiantes
Chamadas Constellações,
Vamos ver as que o limitão
Com seus ardentes brandões.

Desde o rutilante Procyon
Que ao Egypto adormecido
Da inundação avizava,
Com seu propicio latido:

Té a remeira Naó Argos
Có velocino orgulhoza;
Do Brazil aureo s'estende
A terra prodigioza.

De legoas ditas quadradas
Tem cento cincoenta mil;
Mil, e duzentas de costa
Banha no mar o Brazil.

Benigno o sol pelo Inverno
Triste vendonos sofrer;
Dando á chuva poucos dias
Logo nos vem aquecer.

No verão que seus fogozes
Açoita fulvos Ethontes :
Sei que torra , sei q' inflama
Topes de serras , e montes.

Mas incomodos comparem ,
Que incendiado nos traz ;
Có estragos que a sua ausencia
Nos climas das ursas faz.

O bom Deos tanto o protege ,
Que o livra com braço forte
De Occidentaes terremotos ,
E dos contagios do Norte.

Seu continente he tão nobre
Que os dois rios que se citão ;
No globo pelos maiores
O Brazil rico limitão :

Como a fertil superficia
De Sul a Norte s'estende ;
Em si de ambas latitudes
Todos os frutos comprehende.

Natureza dos trez Reinos ,
Tanto có elle repartio ,
Que o que prodiga déo inda
Por descuido se não vio.

Tem recheado seu seio
Dessa pedra encantadora,
Que o Rei do superfluo, o Luxo
Com os seus nescios adora.

Dessa pedra que emulando
O centilar das estrellas,
Com a demencia de Ariadne
Quer no brilhar exedelas.

Tem do vinho da Madeira
Em pedra os pingos luzentes:
E os do sangue que de Adonis
Derramárão curvos dentes.

O Brazil tem nas entranhas
Chumbo, cobre, prata, e oiro;
Do mineral reino occulto
Goza completo o thesoiro.

Seu vegetal he fecundo
Difuzo, e pródigo a ponto
De ser curtissimo exposto
Este, q' em breve eu aponto.

He terra prodiga tanto,
Que a mesma idéntica vide,
Trez vezes produz n'hum anno
Sem que jamais se descuide.

Dá liberal a Canela,
A Noz, e o Cravo amboino;
Do rico Oriente as riquezas
Deu-lhe pródigo o destino:

De sorte que havendo sizo
Do Brazil no Senhorio;
Navios que n' Azia emproão
Hão-de ancorar neste rio.

A rubra árvore possue
Cujo sangue purpurado
Nos leilões todos da Europa
Por grande preço he comprado.

Tem a espritoza semente
Que a Fedrico aviventava,
Que a Voltair, e Fontenelle
A fertil Mente aclarava.

O Algodão prodigiozo,
Tão caritativo arbusto,
Que dando com que cobrir-nos
Cumpre có as obras do justo.

Produz com mão generoza
A Cochinilha, o Anil,
Riquezas contar não posso
Que vejo no seu mandil.

Quereis saber a que pode
Farto nutrir povoação:
Duzentas vezes repitão
Sem se asustar hum milhão.

Vedes já que vale a pena
De serio se contemplar;
E que suposto o que vale
Deve-se até respeitar.

Ora pois o Brazil amplo
Não desprezeis insensatos;
Tem riquezas, que não tendes:
Tem esquadras nos seus matos.

Se elle vos procura amigo
Querendo fraternizar;
Ludibria-lo he sandice
Que não posso disculpar.

Elle buscou-vos amigo
Coiza, que á Hespanha não fez:
O Hespanhol Americano;
Nisso hum tanto montanhez.

Sem este Irmão opulento
Não tereis creio o precizo
Que no prezente transtorno
Indispensavel divizo.

Para vós o Brasil deve
Ser amigo, rico Tio,
Que acuda sempre ao sobrinho
Quando na bolsa tem frio.

E que vós deste recurso
Já, já muito precizais:
Mostrão fundos, que de Londres
Voárão para Cascaes.

Pelo que fazei-lhe festa;
Fazei-lhe muito as vontades:
Como a depozito certo
Nas vossas necessidades.

Perguntai a activa London
Quanto no cambio ganhou,
No dia em que decidida
Sua America a largou?

Elle não he muito arisco,
Só pede que o bem trateis,
E que sendo Irmão honrado,
Honrados o contempleis.

Que a meza da Liberdade
Sentar-se intenta tambem;
Pois roer como cachorro
Os ossos não lhe convem.

Do já velho parentesco
Lembra-se ufano, e gloriozo
Com tanto, que o tratamento
Lhe conserveis decorozo.

Elle não quer separar-se
Confessa que dividido,
D'ambos descahe a influencia,
E s' enfraquece o partido.

Conhece bem que preciza
Na Europa de Irmão fiel,
Que proteja o seu commercio
E seja o seu São Miguel.

Por isso cordato sempre
Não vos quer nada pedir
Senão, que sem calculardes
Não vos qneirais desunir.

Para não mostrar ao Mundo
Tratando o Brazil á toa;
Que a Moral dos Boticudos
Tomou posse de Lisboa.

E quero que desta terra,
Talves por não se humilhar,
Por não querer ser escrava,
E vossos ferros beijar.

Pretendais fazer Cartago,
Infeliz Troya tambem:
Memphis, Nínive, Palmira,
Infeliz Jerusalem.

Alem do que isso vos custa
E tambem á humanidade;
Reflecti nas consequencias,
De tão atroz crueldade.

Vede se os homens que escolhe
A Nação para a salvar,
Devem queimar-lhe as Cidades,
E os campos despovoar?

E o ponto á que compromete
O vosso juizo, e talento,
Pois he precizo ser lerdo
Como de Pança o jumento:

Para não ver desde logo
A vossa curta lição:
Se do Brazil a conquista
Entrar na vossa tenção:

Então os Ceos nos acudão.....
Em que mãos estão as quinas?
Se a jurada Liberdade
Convertem hoje em ruinas.

De toda a Europa estendida....
Té os Pyrineos erguidos,
Do Corso as hostes não tinhão
Deixado os Povos vencidos ?

E a pezar dessa de Marte
Incendiaria invazão,
Ficarão d'Hespanha Donos ?
Ficou-lhes hum só terrão ?

De Portugal mais erguio,
Que gloria, ou lucro sacarão ?
A vergonha com que tristes
Coactos capitularão.

E de mais crueis, perjuros,
Vireis cá a espada da Lei
Derramar o Augusto Sangue
Do que hade ser vosso Rei.

Se Pedro foi dado aos Luzos
Do Brazil Principe feito,
Porque no seu Principado
Não pode estar sendo eleito.

E a consequente Vienna
Vio alguem de máo humor,
Por governar a Toscana
Hum futuro Imperador ?

Se prometeis Liberdade
A cad' hum das Luzas gentes ;
Como quereis obcecados
Em ferros pór Continentes.

Não queirais vos trate a Europa
Qual chacota mulheril ,
Que balha a fofa na lama
No serão d'húmido Abril.

Bem sei que hade consumir-vos
A grande lida em que andais ,
Sobre tudo lamentando
Difficuldades , que achais.

Chama Cícero infelizes
Aos que vivem n'hum pais
No momento em que agitado
Se vê por guerras civis.

Terremotos são retratos
Das revoluções fataes ,
São uteis talvez aos Filhos ,
Mas são flagelo dos Pais.

Lisboa que brilha ufana
Por Ministro Heroe , alçada
Foi sobre as cinzas fumantes
Da capital abrazada.

Se renasceo, que não veja,
Pedem aos Ceos votos meus
Pelos civis terremotos
Suar sangue os muros seus.

Dobrando o Colo ao Divino
Defendei Religião:
Arvore sempre saudavel
Tem rais no Coração.

Ao homem privado della
Pobre infeliz, que lhe resta?
O que os sentidos rabiscão;
O instincto curto da besta.

Sem ella o homem não sabe
O que deve ao Creador:
A si, aos Pais, aos mais homens,
E ao Governo Regedor.

Marido, e mulher ignorão
O que a si devem, e aos Filhos:
Por isso montros propagão,
Ou ladrões, ou peralvilhos.

Sem ella o homem das feras
Protótypo o mais perfeito:
Como hoje observamos tristes
Só ao mal aplica o geito.

Respeitai-a interessados
N' huma época fatal,
Emque não só entre os Nobres,
E Donos de cabedal:

Mas o moço mesmo bronco
Que apenas começa a ler;
Duvida torpe, e té nega
O Omnipotente Poder.

Porem para este contagio
Quanto infieis não concorrem:
Escandalozos Ministros
Que prostituidos morrem.

O Povo, que he sempre ignaro,
Sempre opposto ás reflexões;
C' os erros dos Sacerdotes
Disculpa as suas paixões.

Sem ver que exemplos perversos
Os erros não justificão:
E que os Padres com as ordens
Anjos, e Archanjos não ficão.

Não fassais Pastor do Povo
Nenhum máo, escandalozo:
E despedi todo aquelle,
Que degenera viciozo.

Os membros não tem saude
Quando a cabeça a não tem ;
E quando ella está doente
Estão doentes tambem.

A Ignorancia tudo estraga
E as desenvoltas paixões ,
Onde não há bons estudos
Plebeias instituições.

Da Religião sacrossanta ,
E da Illustrada Moral,
Exemplos ao Povo deve
Quem se inculca Maioral.

Sem Moral , meus Deputados ,
Sabeis que não há costumes ,
E que as Leis todas sem elles
Claudicão mesmo entre Rumes.

Com reforma nos Estudos
Sacros , profanos , moraes
Fazei perfeitos humanos
De bipédes animaes.

Dai letras que o Povo salvem
Da Ignorancia atroz, fatal:
Povo ignorante obrigado
Corre sempre atraz do mal.

Util do Povo a ignorancia
Era só aos falsos Reis,
Que protegidos por ella
Prostituião as Leis.

Por isso mui semelhantes
Aos ratoneiros ladrões;
Os sabios ostracismando
Quebravão os lampiões.

Promovei a Agricultura
Origem de todo o bem;
Tudo o que fór de mão morta,
Sacrificar-lhe convem.

Olhai bem que n' huma caza,
Onde o pão anda a garnel,
Todos vivem satisfeitos,
E ninguem faz aranzel.

Sabio Pombal repetia
Na caza onde não ha pão,
Todos ralhão, todos gritão,
E tem gritando razão.

A Agricultura Mãy farta,
Abundancias derramando,
Dos mesmos calhaos roliços
Entes á vida vai dando.

Quem com tributos esfalfa
Nutridora Agricultura ,
Mata a Mãi, que com seus peitos
Nutre a infantil creatura.

Pois sempre onde esfrangalhados
Andão uteis lavradores ,
He pais que tyranizão
Abuzos devastadores.

E de todos os abuzos
O da Guerra he o peor ;
Pois obriga a matar gentes ,
Das gentes ao nutridor.

Favorecei as Sciencias
Faiscas da Divindade ,
Comque Deos do bruto instincto
Separou a Humanidade.

Ellas que a Fábula sabia
A sagáz Mithologia ,
Personalizou em Muzas ,
Que Jove reconhecia.

Illustrão , dilatão , nutrem
Nosso curto entendimento ,
Dão-lhe azas , que afoito bate
Por todo o ethereo elemento.

Quanto mais as cultivamos
Tanto mais somos divinos,
Tanto mais longe nos pomos
De intonsos brutos ferinos.

Com o seu sagrado fogo
Consomem inclinações;
Que nós sugerem traidoras
As viciozas paixões.

Alimentai bem as Artes,
São plantas agradecidas,
Pagão com juro a avultado
Quando se vem protegidas.

Pelo Artifice Supremo
Aos homens forão dictadas,
Para as suas forças debeis
Por ellas ver augmentadas.

Ellas previstas, e activas
Dos homens servas fieis
Servem puntuaes, e o livrão
Dos incomodos crueis.

Escrupulozas polindo
O que de bruto o homem tem,
O domestição, e asseião
Té o pór como hoje o vem.

Servem-no amigas a ponto,
Que seus sentidos encantão,
Dão-lhe comodos, e gostos
E suas almas levantão.

Comparem o homem salvagem
Com o homem social,
E verão de Sciencias, e Artes
O proveito tal, e qual.

Alentai fábricas sempre
Ellas das Artes são templos,
Onde culta a Mocidade
Se forma c' os bons exemplos.

Onde da fatal perguiça
Se salva o Povo indolente,
Que sempre que não se occupa
Fica dos crimes agente:

A terra onde o estrangeiro
Não vê pobres mendigantes,
Põem na lista dos Estados,
Que regem bons Governantes.

As Nações grandes que podem
Immensa gente empregar,
Será bom talvez o luxo
Mas a nos hade aleijar.

Sacai as Leis do palheiro
Das velhas Ordenações;
Cada século reclama
No legal innovoações.

Do Corpo Legislativo
Como a tarefa são Leis,
E de Themis no aureo Templa
Sereis Ministros fieis.

Cada hum de vos hum Antistio,
Liberal Legislador
Novo, código dictando,
Será de Leis creador.

Do Cevidio Luzitano,
Do laboriezo Mello,
Aproveitando os escriptos,
Productos de sciencia, e zelo.

Teremos código novo,
Que acezo pharo luzente
Mostrará do Acerto o porto
Dos Reinos Luzos á gente.

Assim como hum alfaiate
Proporciona hum vestido;
Ao corpo que sem aperto
Quer andar nelle metido.

Assim Leis proporcionadas
Aos Povos dareis tambem;
Sabendo que aos Samogedes
Leis dos Mogoes não convem.

Quem os códigos da Europa
Taes, e quaes quizer mandar
Ao Brazil, vá na Laponia
Ás Bananeiras plantar.

Alem do clima ser devem
Consultadas das Nações,
Os diversos genios, e uzos,
E naturaes propensões.

Respeitai de sorte o Povo
Que privilegios feudaes;
No altar de Astreia queimados
Co' as Leis sejamos iguaes.

Puni com penas infames
Os Pais torpes que aos desvios
Dos vicios os Filhos largão
Deixando á Patria vadios.

N' hum Pais bem governado
Ninguem deve respirar,
Que não tenha officio, ou modo
De sua vida ganhar.

A preguiça he mãi de vicios,
E mãi dos crimes tambem :
Terra em que todos trabalhão
He terra de homens de bem.

Lembrai-vos do Juiz antigo
Esfolado por ladrão ;
E por vender a sentença
O enforcado em Relação.

E do justiceiro affinco
Com que toda a antiguidade
Severa punio constante
Judicial venalidade.

Estas garochas se agução
Para os culpados somente :
Não ha classe em que não haja
Pouca sim ,mas boa gente.

Pois do Evangelho a apotegma
He sentença sempre aceita ;
Os bons são como as espigas ,
Que ficão finda a colheita.

E os fataes contrabandistas
Venaes adelos de Astreia ,
Que ávidos sempre devorão
A mesma gente plebeia.

Das balanças com que Themis
Justiça sohe expender,
Se servem sem pejo, ou susto
Para a justiça vender.

Açaimai-os de maneira,
De tal sorte os reprimi;
Que mexendo nas balanças
Lhes não mexão para si.

Deveis cautos cohibi-los,
E as mãos tambem lhes atar:
Que não possão as camizas
A' pobre gente arrancar.

A instalação dos Jurados
He saudavel creação,
Vender-se ante elles não pode
Da viuva, e orfãos o pão.

Ante elles pérfido empenho
Não pode sacrificar
O perseguido innocente,
Nem criminozos salvar.

Ante elles conservadoras
As propicias Leis triunfão;
Como antes já descarados
Vicios, e crimes não trunfão.

Sendo ante o Público junto
Feita a applicação das Leis,
Expirão as traficancias
Dos Ministros infieis.

Tanto nesta fatal Era
Refinar se busca tudo;
Que a Politica sciencia,
De furtar temos no estudo.

Sciencia que audaz Machiavelo
Astuto tanto apurou;
Que das Cortes mal faceja,
A boa fé degradou.

E das Nações sendo os Chefes
Os que ao Povo exemplos dão;
Os Povos, como os Governos
Já trapaceiros estão.

As palavras consciencia,
Honra, pejo, pundonor;
Vergonha, e delicadeza
São termos já com bolor.

Hoje abuza-se de tudo:
Abuzo o dominio tem;
Em ridiculo as Leis postas
Nenhum poder o contem.

Cada hum cisma em como aos outros
Hade pérfido lograr ;
E neste sentido todos
Sabem já politicar.

Os Politicos Congressos
Sempre forão reuniões,
Em que se vendem os Povos
Como trastes nos leilões.

Das Leis o abuzo culpavel
Chicana entre nos chamamos;
E a Politica he chicana
Dos Ministros, e seus Amos.

Diplomática sciencia
Dá o direito das gentes,
Com seus dilemas aos fracos
Embassão os mais potentes.

Nos politicos tratados
Sendo feitos por tratantes,
Os que tem menos metralha
Pagão o pato como antes.

Diplomáticos Mercurios
Co' nome d' Embaixadores;
Do Diploma Cathequistas
D' astucias são Professores.

Os virtuozos respeito
Com a devida atenção ;
Falo só contra os abuzos
De tão seria instituição.

Egypcios , Gregos , Romanos
Creio melhor o entendião ;
Nas Cortes não toleravão
Argos sutis que os vendião.

Teremos Cónsules ? Tenhão
Só ao Comercio servindo :
Não se metendo em diplomas
Podem-os ir consentindo.

Mas se vier hum successo
Muito fora do ordinario :
Então manda-se hum agente
Que se chama extraordinario.

Como apezar da perfidia
Politica he necessaria ,
Pois praticada por todos
He já trapaça ordinaria :

Politicai não me opponho
Mas fazei-o de maneira ,
Que em vosso jogo se veja ,
Que ha gente honrada na feira.

O Commercio d' abundancia
Agente o mais eficaz ,
Dos Povos de todo o globo
Huma familia só faz.

Muito aos Mágicos imita
Pois faz com que o Brazileiro ;
Em Batavia hoje contrate
Com o Holandes arengueiro.

Co' mesmo que a hum sobeja
Remedeia a outro amigo ;
D' hum recebe arros , azeite ,
E dá-lhe frutas , ou trigo.

Apezar dos variaveis
E tempestuozos ventos .
Apezar d' hórridas ondas
E furia dos elementos.

Das tres partes conhecidas
A' Europa traz o producto ;
E em torna lhes leva exacto
Da Industria , e Artes o fruto.

Co' estas trocas , e baldrocas
Tão antigas como o Mundo :
Londres , Holanda , e Hamburgo
Tem agigantado o fundo.

Assim como antigamente
Tyro, Cadiz, e Cartago;
Retardarão precavidas
Com seu commercio o estrago.

Não digo que do commercio
Os Emporios faustuozos,
Da Moral sejão, sectarios:
Nem da Religião zelozos.

Pois n' huma Cidade aonde
Veia do tráfico mana;
Tudo mente, e trapaceia,
Tudo impõem, e tudo engana.

Commercio quer se levado
Com geito, porque he rapaz;
Que a huns levanta, e aos outros
Põem do pírolo na paz.

Dá riquezas o Commercio:
Riquezas o Luxo dão:
E o Luxo espalha o contagio
Que he dos Povos perdição.

Inculquei-vos té agora
O modo de chelpa ter,
Agora cuidai no modo
De com sizo a despender.

He hum fundo economia
De que se occupão bem poucos,
Economia he juizo,
E os homens todos são loucos.

Perdido fica o mal gasto;
Desperdiçar he ruina;
E economia o precizo
A gastar só nos ensina.

Vê-se então que do superfluo
Por ella economizado,
Se forma hum fundo atendivel,
Que augmenta as rendas do Estado.

Có económico systema,
E boa arrecadação;
Alimentando as nascentes,
Que nutrem toda a Nação.

Com o systole regido,
E o Diástole tambem;
Tendo entradas, e sahidas
Dispostas como convem:

Systema bem estudado
De productorás finanças;
Fechará velhas feridas
E será Pai d' esperanças.

A Suecia , e a Dinamarca
Com este pingue systema :
Do que nós sendo mais pobres ;
Mais rico mostrão diadema.

E nós que delle ignorantes
A toa andamos boiando ,
Temos ar de penhorados
Por galeões esperando.

Em fim vejo o habil Carvalho
Amigo d' Artes , e agrario ,
Administrador zelozo ,
Que deo aos Luzos Erario.

Deo exércitos , deo Artes ,
A Universidade alçou ,
Qual Sully deo culto á Ceres ;
E o Reino ressuscitou.

Já Portugal remoçado
Hombreava já c' os mais ;
Mas dezatarão-se os odres ,
E os ventos forão fataes.

Morreo Pombal , e com elle
O Reino tambem morreo ,
Seus rivaes perderão tudo
Quanto zelozo nos deo.

Estudai bem os seus planos ;
Conservai o que escapou ;
Renovai tudo o que a inveja
Feito em ruinas deixou.

E fazei que da Cidade
Que ergueo apezar d'Auguros ,
Pela Anarchia abalados ,
Não estremeção os muros.

Não desprezem a marinha ;
Vede ricos os Inglezes :
Com ella bebem o vinho ,
E a seus rivaes dão as fezes.

Quem possue o Tejo undozo
E o Brazil por bom Irmão ;
Judiciozo como hade
Desprezar navegação.

Quem tem á duas mil legoas
Bom Irmão , rico , abonado ,
No augmento das suas quilhas
Deve andar sempre occupado.

De manufactura , e frutos ,
Quem extracção certa tem ;
Alem do mar , cuide em velas ,
Que a seu favor vão , e vem.

Quem tem castelos veleiros
Cheios de bala, e canhões,
Castiga a insolencia, e roubo
Dos fluctívagos ladrões.

As bandeiras fuzilando
Sobre as popas magestozas;
Có medo o crédito levão
As Regiões poderozas.

A favor da Humanidade,
Eu vos torno a repetir,
Levai o Brazil com geito,
Não vos comvem opprimir.

Vos sabeis, que os Holandezes
Pernambuco dominavão;
Muito bem fortificados
Sem receio as cartas davão.

Não lhes faltava marinha;
De sobejo munições;
Goarnição muita, e robusta
Defendia os Bastiões.

Pois esse trem redundante,
Esse espantózo armamento;
Póz logo razo có a terra;
Sabeis quem? hum pé de vento.

Huma asseza tempestade
Agitada só por trez,
Que arrotarão de maneira
Que expelirão o Holandez.

Era branco o Cavalcante:
E mui preto o bravo Henrique:
Camerão era dos Indios:
Triunfarão com repique.

Tanto pode em sua caza
Quem teima em se defender;
Pode não só aos de fora,
Té aos de dentro vencer.

E isto sem mais auxilios,
Que o impetuozo vigor,
Que a Liberdade bafeja
Contra o cruel oppressor.

Imitai de Luiz Dez-Oito
O benigno Coração,
Da Insurgente São Domingos,
Sobre a negra Insurrecção.

Diz..... quero antes os Paizinhos
Deixar libertos viver,
Do que para subjugalos
Hum só vassalo perder.

E vos brancos có a alma negra,
Pois negra he sempre a vigança;
Mandais víctimas armadas
Do Brazil para a matança!

Sem reparar-des basbaques,
Que a vossa atroz violencia;
Lhes offrece, o que inda engeitão,
O guião da Independencia.

E té dizem, as más linguas,
Que são as que mais acertão,
Pois soltas dizem verdades,
Que aos figurões desconcertão.

Dizem..... o que inda não creio.....,
Que vos cegou a paixão:
(Paixão vil em Deputados,
Que horror, que abominação.)

A ponto de despreziveis
Para crueis vos vingar,
Para mostrar-vos ao Mundo
Indignos de governar:

Offerecesteis á França
O Pará, e o Maranhão,
Que em troca vos prestaria
Para vos vingar a mão.

E á liberal Inglaterra
Offreceis outro penhor ,
Em troca de vos mandarem
Tropas ao vosso dispor.

Porem Inglaterra , e França
Fortes , Liberaes Nações ,
Desprezarão indignadas
Vossas vis proposições.

Querieis , que a sabia França ,
E a generoza Inglaterra ,
A favor da vossa raiva ,
Ao Brazil fizessem guerra.

O hortelão tinha hum cachorro
Dificil de conceber ,
Os repolhos não comia ,
Nem os deixava comer.

Como ao meu ver tendes medo ,
Que o Brazil vos roa a corda ,
Que anule os vossos Decretos
Pois vosso sizo discorda.

Dizem..... que quereis vende-lo
As estrangeiras Nações ,
Declarando-vos sem pejo
Credores d' indignações.

A cegueira vos trasporta
Té o exesso de querer
No Brazil antes Potencia,
Qué vos fassa obedecer.

Do que vê-lo florescente
Disfrutado por Irmaõs;
Que para viver unidos
Vos dão contentes os mãos.

Cardume d' homens soldados
Apezar d' Agricultura,
Apezar de Sciencias, e Artes
He cancro, qué mal se cura.

Defender a Patria he trunfo,
Comque se autorizão mais;
E nesse artigo de gloria
Não tem os nossos iguaes.

Porem se a redea lhes largão
E a disciplina esmorece;
Nas mãos dos que a defendião
Rasgada o Patria perece.

Como de Cezar mortrarão
As traidoras Legiões,
Que dos parentes, e amigos
Rasgarão os Corações.

E a Patria amada traidores
Sórdidos forão vender,
A Cezar agradecidos
Em premio de os perverter.

Dão em feros Pretorianos,
Em Janizaros tambem,
Té que da crua Anarchia
Em chefes a parar vem.

Em Roma quatro Imperantes
No mesmo tempo reinarão;
As tropas todas Romanas
Por elles s' esquartejarão.

Eis aqui pois a Anarchia
Que até d' Imperios dá Cabo:
A quem julgo preferavel
Governo do mesmo Diabo.

He huma fevre inflamatoria
Que o homem torna em Leão;
Té o Pai seus Filhos mata,
No instante da convulção.

Vê-se pois que devorando
Dos Estados a substancia,
Pela indulgencia corruptos
Os entumesce à arrogancia.

Antigamente na Europa
Brilhavão só por valentes,
Hoje brilhão có bigodes;
E cós penachos Luzentes.

Ante as rutilas phalanges
Punhame sem tino a rir;
Vendo subir os penachos,
Vendo os bigodes cahir.

He coiza em todos os tempos
Muito facil de observar,
No Soldado a peraltice
Mata o genio militar.

Militares cauto sempre
Deve o Governo conter:
Sempre exercitos desfazem
O que lhes deixão fazer.

Heliogabalo das tropas
Foi o idolo adorado;
Ellas mesmas o derrubão,
E o deixão despedaçado.

Mas não admira que as tropas
Venhão contrifugas ver,
As terras que já proscritas,
Em chamas devem arder.

Pois he provavel que expostos
Os Militares temais,
Que vos posserão no throno
Que já tremendo occupaes.

Dizem que por isso cautos
Os mandais ao matadoiro;
E segurais do comando
O incomparavel thezoiro.

E esta manobra he tão sabia,
Que com a mesma lambada,
Matais juntos dois coelhos,
E a ceia fica arranjada.

Lançando ao mar os Soldados
Vossos fieis Protectores,
Vos livrais dos sustos, e ansias
Que vos dão roucos tambores.

E satisfazeis ineptos
A vingança desprezivel,
Que em vos acende o orgulho
Contra hum pais invencivel.

Invencivel, porque pode
Te deixando-vos o mar,
Reduzir-vos á mizeria
De nem as bocas molhar.

Vos prometeis cavilozos
As tropas mundos, e fundos,
Sabendo que a morte he certa
Em tão affastados mundos.

E demais dos Deputados,
De todos os Governantes;
Já a mónita secreta
Sabem decór estudantes.

Roberspierre fôi bom Mestre
Que no revolucionario,
Ensinou para a conserva
Hum adubo extraordinario.

Bonaparte seu adepto
Para estender seu governo;
Do mesmo Elexir fez uzo,
Elexir feito no Inferno.

A guerra, a maldita guerra
He o remedio eficaz,
A que os Tyranos recorrem
Tremendo á vista da Paz.

A este recurso infausto
Assustados recorreis:
A guerra destrahe o Povo,
E entre tanto la vão Leis.

Quando ha fogos de artificio
O parvo Povo embasbaca,
Os ladrões que o vem abstrato,
Vão-lhea limpando a borjaca.

E de mais he indispensavel
Ser-des míopes quaes sois,
E que não saibais contando,
Que hum, e hum sempre são dois:

Para não verdes ás claras,
Que o Reino debilitais
Contra os cálculos da Hespanha,
Que somnámbulos contais.

Quando até duas mil legoas
Mandais Irmãos degolar,
Por armas indispensaveis
Para á vos mesmos goardar.

Ao menos que isso não seja
Hum negocio feito já,
Setuval tenho na mente,
E em Camões o cazo está.

E então dos milhões voremos
O emprego traidor, fatal,
Que de Madrid o balanço
Diz gastos em Portugal.

Reparem, que eu tal não creio,
Que isto he só vos advertir
Do que dizem as más lingoas,
Que podem tambem mentir.

Imparcial sempre, o Tempo
Mostrará se isto he assim;
Dezejo o contrario, as glorias
Para cantarmos no fim.

Bem apezar do Bandarra,
Que dizem, que anunciou
O Reino acabado em Cortes,
Que esse Profeta sonhou.

Estudem de Frederico
A sabia administração;
Ali Soldados são uteis,
Porque ao trabalho se dão.

São da Patria quando ha guerra
Valerozos defensores;
Porem novos Cincinatos,
Quando ha paz, são lavradores.

Do feodal nas priscas erão
Creio a tropa mais convinha;
Menos disposta aos insultos
A que se arroja a de linha.

Sendo homens estabelecidos
Tendo bens, que conservarem,
Tem hum sólido interesse
Em sua Patria salvarem.

Empregando bem seu tempo,
Ganhando com suas mãos;
Deixando de ser vadios
Serião mais Cidadãos.

C' huma stricta disciplina,
E fardados por trez annos,
Talvez que fossem a menos
Os tão evidentes danos.

Se o menino he mal creado
A culpa nos pais está;
Pois a infancia toma o geito,
Que a mão paterna lhe dá.

Se a mulher he má cabeça
A culpa tem o marido,
Pois té dos tigres se amansa
Com brandura o genio infido.

Se o Povo he máo, revoltozo
O Governo a culpa tem;
Bicho nenhum s' enfurece
Contra quem o trata bem.

O Newa, o Rheno, o Danubio,
Nas grossas inundações,
Cede a mão, que poderoza
Lhe construio direcções.

Da mesma maneira a tropa
O Official morigerado,
He quem forma, he quem educa,
Sempre ao bizonho Soldado.

Tropas bem discíplinadas
Quaes o código as requer,
Commandadas por bonecos,
Por doidos..... não pode ser.

Não destruão a Nobreza;
O benemerito Nobre
He homem recommendavel,
Pois com dois mantos se cobre.

O que seus Avós deixarão
Por valentes, ou leaes,
E o que elle por si merece
Có as virtudes pessoaes.

Assim como os monumentos
Por quebrados, e abatidos,
Na Sicilia, no Helesponto
Colhem respeitos devidos.

Devidos á grande parte
Que na historia todos tem:
E as sublimadas ideas
Que inspirão mudos tambem.

Seus Patricios guardou Roma;
Londres seus Milordes goarda:
Seus Nobres sofria Athenas,
E lhes confiava a farda.

Extinctos os privilegios,
E amarrados bem ás Leis;
Finda a atroz desigualdade;
Uteis á Patria os tereis.

Oh porque degenerárão.....
Quem he que não degenera?
Ponhão os olhos nas Ordens,
Que o Povo pio venera.

Entrar não quero nos Claustros
Neles não quero olhos ter;
Vou conversar cá de fora;
E com magoa o vou fazer.

Nosso Redemptor nos manda
Nossos próximos amar,
E vemos frades nas guerras
Nossos proximos matar.

Entrou em Genova hum Papa
Có insignias de General;
De seu exército á frente,
E com Thyara Papal.

E apocryfos vi na Italia
Roçagantes Cardeaes,
Nas mais cruentas batalhas
Comandando a Generaes.

Sede Sectarios de Marte
Pois o Diabo assim o quer;
Mas juntamente de Christo
Meu Rufo não pode ser.

Religião, Patriotismo
Vingar dizem procurei;
Não vi nos Codigos todos
Tal contradição á Lei.

Feridos tendo salvado,
Moribundos absolvido;
Ao bom Deos, e Patriotismo
Teriais melhor servido.

Se os Apostolos primeiros
Nos Cardiaes procuramos
C'os melhores microscopios
Nem aparencias achamos.

Vejo ao menos hum Prelado
Nesta Illustre Capital ;
Que exemplar condus o gado
Com o Bago Episcopal.

Imitador incançavel
Do Apostolico Xavier ;
Nos virgens matos procura
Almas que não quer perder.

D' aquelles que Deos escolhe
Nos tempos calamitozos
Para salvar os rebanhos
Dos males contagiozos.

Antigamente nos Templos
Os orgaõs soavão só
De Orchectas hoje nas azas
Voão arias da Tudó.

Ouve tempo em què na Igreja
S' entrava para rezar ;
Hoje os Christãos á moderna
Furtar vão , ou namorar.

Decencia havia , e juizo
Pejo , Moral , Religião ,
Foi-se tudo , Deos segure
Bem feita Constituição.

Porem como sempre limpo
Brilha do dia o Luzeiro,
A's nevoas, e ás negras nuvens
A's borrascas sobranceiro.

A Religião sacrosanta
Assim se conserva pura;
Apezar d' erros humanos
E da atrevida loucura.

Como Oxestiern insinua
As chapas que Ordens indicão,
E que o mel de apanhar moscas
Pensando bem significão.

Sede muito acautelados
Em muito não prodiga-las,
Pelas pilhar inda ha gente
Que afoita vai pescar balas.

Ha gente que tendo a perna
Ou o braço em cacos feito;
Inda se arrasta soberba
Có a fita que traz no peito.

Aproveitai bem o tempo
Que resta a fofa vaidade;
Pois diches desaparecem
Ao clarão da Liberdade.

Pode haver maior infamia,
Que andar hum caco de Lixo ,
De vicios , e até de crimes
Có Crachá no peito fixo.

Disfrutando barretadas ,
E incensos de cortezia ,
Quem huma corda ao pescoço
Ou ferro aos pes merecia.

Inda axistem muitos parvos,
Aflitos de nada ser ,
De não saber coiza alguã ;
Emfim de nada valer.

Palermos tão despreziveis ;
Que para se acreditar ,
Có algum Barão estrangeiro
Se buscão apparentar.

Ansiozos trapaceião
Atras da linda fitinha ,
Que engana , que impoem á plebe
Que em tudo pensa mesquinha.

Nestes vadios tunantes
Não queirais doirar o cobre ;
A fim de o não confundirdes
Com o virtuozo nobre.

Pois o são Merecimento
Não corre atraz do Crachá,
Da sua virtude o premio,
Sua consiencia lhe dá.

Não as dem a quem não tenha
Feito por ellas sizudo,
Ou na palestra da Marte
Ou de Minerva no estudo.

Gomes Freire mal fadado
Se honraria de trazer
Medalha, que aos taverneiros
Via já dar, ou vender?

Encheivos bem da Importancia
Do lugar que hoje occupais,
Reflecti, que a todo o Mundo
Em espectaculo estais.

Reparai que os vossos erros
Mesmo de Constantinopla
Nos botiquins, todos cantão
Em ar de cómiça copla.

Vede bem que não ha gloria
Que possa ser conparada
A de hum Decio impetuozo
Por quem a Patria hé salvada.

Sobre tudo sendo a Patria
Hum Reino tanto affamado ;
Portugal nas partes quatro
Em armas sempre admirado.

Povo que d' Africa adusta
Baluartes arrazando ,
D' Agar os vis descendentes
Foi sempre invicto açaimando.

Povo que tendo em desprezo
De Bacho intonso as intrigas ,
Sem dar incenso á Neptuno
Ondas buscou inimigas.

Povo que o Colo marmoreo
Calcando de Adamastor ,
Da furia dos elementos
Se-coro-ou vencedor.

Povo , que ouzado abatendo
De Eolo as furias violentas ,
D' Oriente quebrou as portas
Que defendião tormentas.

Da Aurora os portões abrindo
Apezar dos Uenezianos ,
Que pelo Persico golfo
Levavão mimos indianos.

Povo, que d' Azia pizando
As auriferas areias,
Do Moiro feros, infido
Abateo logo as ameias.

Povo, que ao bélico Hesperio
Soube forte resistir,
E do Cruel Bonaparte
As phalanges reprimir.

Povo, que mesmo as sciencias,
Letras, e Artes illustrou,
A ponto, que em sua Coimbra
Athenas resuscitou.

Povo, que tem seus Virgilios,
Livios, Thucidides tem:
Tem afamados Apeles,
Phidias, Leucipos tambem.

Povo tal creio merece
Muito bem vossa atenção,
Se quereis entre vos, e elle
Demonstrar a proporção.

E seria monstruozo,
Que os mesmos que resgatar
Das ondas o deverião
O fizessem naufragar.

Que esses mesmos escolhidos
Para seus fieis Solões,
Gratos o remunerassem
Có as anárchicas funções.

Que pelo Povo instalados
Devendo-se todos á elle,
O esfolassem Carniceiros
E se cobrissem có a pelle.

Não vos fieis no bom Povo
Que alegre vos elegeo;
Apezar do regocijo,
E dos applauzos que deo.

Có a mesma sem ceremonia
Comque vos quiz exaltar;
Se a cazo vos vir traidores
Fazer-vos ha pendurar.

Povos são como as mulheres
Que tendo bom coração,
Pela cóléra exaltadas
Mandão á fava a Razão.

O bom Sócrates sublime
Mestre ao seu Povo servio,
E que a Inveja o envenena-se
Sem se mover consintio.

Luiz Dez e Seis por seu Povo
Desce do trono, o abdica;
E o Povo ao som dos tambores
O melhor Rei sacrifica.

E para o cru Bonaparte
Verdugo dessa Nação;
Fez incriveis sacrificios,
Porem não conspiração.

O mesmo Povo remido
Pelo Divino Jezus,
Cantou, dançou trasportado
Vendo-o cravado na Cruz.

Sylla, o cruento Sylla
Que os Romanos degolou,
Viver, e morrer quieto
O Povo ápato o deixou.

Povos forão sempre os mesmos
Furibundos Centimanos,
Proscrevem seus Atletas,
E inaugurão seus Tyranos.

Bem vejo que responsaveis
Os Povos não são jamais,
Se ja mais lhe atribuirmos
Os crimes dos Maioraes.

E qual a cauza evidente
De tanta contradição?
O homem já por natureza
Idolátra a Ingratidão.

De Python o aspecto horrendo,
Nem de Géryon o furor,
Incomodão mais aos homens,
Que a vista d' hum bemfeitor.

Cauza deste atroz defeito
Vejo Ignorancia tambem;
Povo Ignorante como hade
Decidir; ou pensar bem.

Vossos nomes, que já voão
Deveis celebra-los vos:
Sacrificai-vos á Patria
E honrareis vossos Avós.

Pelas suas qualidades
Os homens só respeitai;
E dignos sempre que os virdes
Prudentes os empregai.

Finde o tempo desastrozo
Emque o são merecimento,
Gemia sacrificado
Ao bruto, audaz valimento.

O mesmo que faz o fogo
Nos viciados metaes,
Fazer possa o Patriotismo
Em vossas almas leaes.

Fogo os metaes purifica
De etherogeneas porções;
Patrio amor assim vos livre
De vergonhozas paixões.

Respeitai o Soberano,
Que justo condescendeo;
Com quanto ao Povo ser util
Seu Coração conheceo.

Concedei-lhe melindrozos
O que a Lei justa lhe dá;
Se não mostrareis os Mundo
Que a vossa tenção he má.

Contra o vosso Rei futuro
Não mediteis em vigança;
Olhai que no fim da festa
Haveis de pagar a dança.

Contra os leaes Brazileiros
Não irriteis o furor,
Pois fosteis os que orgulhozos
Provocastes o rencor.

Se acazo na vossa marcha
Achardes contradicções:
Da Insconstancia nas tormentas,
Nas ondas de opiniões:

Por mais raivozos que os ventos
O vosso Templo abalarem;
Inda que soltas as Furias
Vos aterrar procurarem.

Não inventeis cavilozos
Insurrecções estudadas;
Pois são malicias sediças,
Que a gente vé com rizadas.

Quaes no Augusto Capitolio
Os Senadores Romanos,
Mostrai-vos ao Mundo inteiro
Dignos Heroes Luzitanos.

Não sopreis a atroz procella
Do sanguinario terror;
Receai se fordes Tigres,
Da reacção o rigor.

Lembrai-vos bem dos ferozes
Verdugos da Convenção;
Os asassinos sofrerão
A pena de talião.

Quem mata cruel có ferro ,
Com o ferro hade morrer ;
He amiaça que sempre
Vê-se quazi prehencher.

Por vos mesmos sede exactos
Em punir a quem matar ,
Onde o crime he tolerado
Vemos o crime trunfar.

Quem matar premeditado
Apezar de quanto occorra ,
Sem recurso , ou privilegio
Nas mãos do carrasco morra.

Digo morra , e executo
A Lei do meu Redemptor :
Que justiceiro vos manda
Punir o crime agressor.

Imparcial ser , e justo
He só a ancora que tem ,
Quem se vé nos vossos postos
Para acabar nelles bem.

Já que serios vos propondes
A restaurar a Nação :
Com huma bem estudada
Louvavel Constituição.

Defeitos da Monarchia
Atentos bem estudai ;
Da Democracia os prigos
Cautelozos evitai.

Ella có a voz das Sereias
Doloza sophismas canta :
Mas gato bem escaldado
Té d' agoa fria s' espanta.

Lembrai-vos que foi expulso
O Doutor Sanches Capaz ;
Esculapio Luzitano ,
Que em Paris sepulto jaz.

Os sabios são como os rios
Que na origem desprezados ;
Quanto mais della se afastão
Tanto mais são estimados.

Esta já velha verdade
Acabe nas vossas mãos ,
Possão na Patria seguros
Ser sabios os Cidadãos

A Batavia alagadiça
Có ferrete de Judeos ,
Que d' homens habeis não forão
Degradados por Sandeos.

Tolerantes por estudo
Respeitai opiniões,
Em quanto não pertubarem
As vossas instituições.

Quem pode ser tolerante
Mais que Nosso Redemptor,
Que benigno viver deixa,
E não mata o pescador.

Por hum cruél fanatismo,
E por zelo atroz, fatal,
Ninguem julgue a Deos ser grato
Aos homens fazendo mal.

Sempre os Aulicos tratarão
Muito mal gente de bem,
Como hão de estimar virtudes
Que nem conhecem, nem tem.

Nas Cortes só predominão
Lizonja, intriga, e mentira,
Por conseguinte virtude
Nellas não entra, nem gira.

De Nantes foi bom o Edicto,
Foi má a revocação;
Filha do hypocrita genio
Mas não da Religião.

Nas Cortes só predominão
Lizonja, intriga, e mentira,
Por conseguinte virtude
Nellas não entra nem, gira.

Quem á sombra das Nogueiras
Descuidado dorme a sesta,
Depois do sono aloucado,
Nem sabe onde tem a testa.

A sombra dos Soberanos
A malicia não perdião,
Mas virtude, honra, e vergonha
Delles se despedião.

As Leis que estais promulgando
Respeitai vós os primeiros,
Como a Charondas fizerão
Respeitar os Companheiros.

Que fé o Povo ter pode
Em Leis que vos desprezais?
No mesmo instante em que serios
Sem corar as publicais.

Com as Bazes mal cirgidas
Tinheis posto em salvo ao menos
Pessoas, e propriedades
Dos grandes, e dos piquenos.

Eis senão quando hum Ministro
Bem ou mal intencionado ,
Pede lhe seja o direito
De prender logo outorgado.

Este direito prigozo
Ou na França , ou na Inglaterra ,
Não se dá , sem haver antes
De discussão muita guerra.

E quando a largar se chega
He proclamado por Lei ,
Pois Leis só por Leis se alterão
Como creio que sabeis.

Porêm vós cortando á grande
Tratando de bagatelas ,
As mesmas Leis por vós dadas
Com tambor , e churumelas.

Sem escrupulo , ou reparo ,
Sem mais Lei , nem mais Decreto ;
Mandastes fosse prendendo
Padre , Duque , branco , ou preto.

E nos criticos momentos
Quando a febre aperta mais ,
C' huma traição descoberta
Rompe a mula os atafais.

O habeas corpus suspendido
Por hum mez, ou dois, ou trez;
Por qnantos forem precizos
Para alimpar o convez.

E no fim he rezultado
Todo o mal, e nenhum bem:
As scenas dos Triumviratos
Reproduzidas se vem.

Consumio-se a trovoada
Em vinganças consumar,
E a pobre Patria ultrajada
Ficou triste a lamentar.

Prendem os Papões que assustão
Aos Senhores Congregados;
E os assasinos não prendem
Cós punhaes ensanguentados.

E deste destampatorio
Qual foi o urgente motivo?
He o gritardes.... morra tudo.....
Mas fique o Congresso vivo.

Senhores Constituidos,
Isto chama-se esbarrar,
E o vosso bem dezejando
Quero vos claro falar.

Vede que essa que dais hoje
De Constituição Comedia;
Contra vos não degenere
Em sanguinoza Tragedia.

E se contra vos só fosse
Paciencia porem vá....
O máo he que infelizmente
Muita gente a pagará.

Qualquer farrapo de nuvem
Que divizais no horizonte,
Supondes trémulos, frios
Exalação do Acheronte.

Tremor tal vos compromete
Deixando bem perceber,
Que já có as vossas consciencias
Vos não sabeis entender.

E nesse cazo quem hade
A confiança em vos por?
Se em vos mesmos, que a não tendes
Publica o vosso terror.

Pois he ditado mui velho,
Quem tem bom vento não reme;
Ria quem tem a alma pura,
Pois quem não deve não teme.

Por outro lado, se expalhão
Que existem Conspiradores,
Vos constituis vos mesmos
Os vossos denunciadores,

Quem governa deve ao Mundo
Mostrar seus Povos contentes;
Seu reger dezacredita
Quando persegue insurgentes.

E não proscrevais os Cassios
Que obedientes ás Leis,
Fulminão a tyrania
Dos Agentes infieis.

Huma coiza he ser traidores
Aos principios sanccionados,
Outra aterrar os abuzos
D' alguns febrís Deputados.

Não confundir estes pontos
Creio muito essencial:
Para ir o carro direito
E salvar-se Portugal.

Perguntão alguns, que frutos
Se tem colhido em dois annos?
Respondem os outros.... tem-se
Augmentado os nossos danos.

Mas que fazem, em que cuidão ?
Descompoem-se, berrão, gritão:
E no Templo da Concordia
As paixões loucos irritão.

Dos empíricos Sectarios
Fazem com que o mal s'estenda ;
Para que dure a pichincha,
Que faz papel de Comenda.

E a Constituição, eu creio
Será precizo ao meu ver,
Entrega-la em praça á aquelle
Que mais barato a fizer.

D' inveterados Abuzos
O contagio ainda nos moe :
Onde a Nação se doía
Coitada ainda se doe.

Antes da galhofa aomenos
Tinhamos paz sobre a terra
Agora temos vinganças,
Odios, pestes, fome, e guerra.

N' huma guerra escandaloza
Empregão os Cabedaes,
Devidos aos Empregados,
Orfãos, viuvas, e hospitaes.

E fallão de juramento ,
So s' entrando no salão ;
Acazo entre si jurarão
Deitar na cova a Nação.

Se jurarão restaura-la
He irrizorio o juramento ,
Pois furibundos a entregão
Da guerra ao furor cruento.

Numancia foi arrazada
Por Scipião Africano ,
E huma explozão do Vizuvio
Subverteo todo o Herculano.

Digão pois que differença
Descobrem de Scipião
Có a do Vizuvio inflamado
Estrepioza errupção ?

Concluo pois que o guerreiro ,
Monstro cruel , destruidor
Prothotypo he dos flagelos
Que enchem o Mundo d' horror.

Logo os Virgilios , e Homeros ,
D' Hector , e Eneias cantores,
Porque tambem não louvarão ,
Os contagios destruidores ?

A guerra por Deputados
Seja qual flagelo vista:
E qual civel Sacrilegio,
A ideia só de Conquista.

Os Deputados illuzos
Soprando o fogo da guerra,
São agentes dos contagios
Que despovoão a terra.

São como o nescio que ao lucro
Não somente não se applica
Mas torpe aos crimes entrega
O pouco que já lhe fica.

Fallo agora, e os mais serios
Membros da Illustre Assembleia:
Que nella entrarem tão puros
Qual no Senado Tharseia.

Sede sobrios, probos, justos
Sede afaveis, sede humanos,
Fugi dos trilhos regados
Com Sangue pelos Tyranos.

Desprezai surdas caballas,
Invejas, emmulações;
Aterrai desassombrados
Tumultuarias facções.

Salvai a Patria cercada
Dos mais acerbos perigos :
Contra innimigos de dentro ,
Contra de fora innimigos.

E não temais negras nuvens
Nem recieis tempestades ,
Sempre do justo os pes calcão
As Infernaes Potestades.

De Jove inda que na dextra
Crepitar vejais os raios ,
E os trovões horridos soem
Não descoreis com desmaios.

Quaes rochas alcantiladas
Emque o mar quebra a violencia
São nas civicas procelas ,
Almas que escuda Innocencia.

Vede Bering sem remorço ,
Se constante Prometheo ;
A vista do caldafalso ,
A cor do rosto perdeo.

Divinizai-vos de sorte
Que não tenhais mais querer
Do que aquelle que inflexivel
A Patria de vos requer.

Os aços despovoadores
Tornai em dentes de arado,
Seja o trem do fero Marte,
A Ceres sacrificado.

Emulai mostrar ao mundo
Findo o reino das paixões:
No momento, emque raiarem
Brilhantes Constituições.

Reine a Paz, brilhe a Concordia
Das Quinas té os Confins:
Para não terdes a alcunha
De Deputados Cains.

E não me dirão, Senhores,
Até quando durará,
De ser bons a repugnancia
Que nos homens fixa está.

Quando he comodo mil vezes
Mais ser justo, e ser cordato,
Do que ser facinorozo,
Ou traidor falso, insensato.

Pelejai pois por vence-la;
Sede bons a tudo o custo,
E obtereis a immortal croa
Tecida só para o justo.

Porem vos que nessa turba
Que tornais em Consistorio,
Autores sois do bulhento,
Frequente destampatorio.

Do Alcorão em todo o Imperio
No seu serralho ao entrar
O dono da caza á porta
Deve as sandalhas deixar.

Assim vos das vossas rixas
No vasto salão entrando;
As paixões que inda vos cegão
Nos degraos ide largando.

Se apalpando-vos os pulsos
Acazo vos não achais;
Cá as pulsações necessarias
Para imprezas immortaes.

Se o dezejo vos não punge
De a hum Condorcet immitar,
De a Carnot sacar a Palma:
E ao grande Helvecio ecclipsar.

Se do invencivel Alcides,
E do intrépido Thezeo,
Vos falta o vigor, a chama
Que o sangue lhes aqueceo.

Para debelar os monstros,
Que a terra toda assolavão :
Para banir os Abuzos
Que as geráções devoravão.

Para vos os monstros devem
Ser as cruentas paixões ;
Quem paixões vence he mais forte
Que Alcides contra os liões.

Se couvencidos que o homem
He o mais bruto animal ,
Innimigo de si mesmo .
Enthuziasta de seu mal.

Que devora sem ter fome ,
Ansiozo bebe sem sede ,
Que á Justiça opposto sempre
A Razão , torpe não cede.

Se inda não bem convencidos
Do vicio do vosso ser ;
Por destinguir-vos das feras ,
Não quereis almas erguer.

Se desmentir vos não lembra
A Boileau , e a Juvenal ;
Que afoitos dizem , que o homem
He o mais bruto animal.

Se tendes táo pouco brio ,
Tão reptil emmulação ,
Que a gloria trateis de peta ,
E de jalofa a Nação.

Que de Pem , e Fox os nomes
Confundais cós doze Pares ,
E sejais lorpas quaes natos
Lá nos círculos polares.

Se nos vicios entulhados ,
De Sybarys cidadãos,
Da vinhoza Chipre adeptos
Sois có a honra mesmo pagãos.

Então meus Ourangutanos
Aceitai o meu conselho ;
Vejo os prigos que vos cercão
Como me eu vejo no espelho.

Se hoveis d' estar obstruindo
Das leis o sagrado templo:
E pervertendo os sizudos
Có vosso fétido exemplo.

Se haveis d' estar Don Quixotes
Guerras somente sonhando :
E a infiliz Patria vendida
Ao Rei Pantana entregando.

Se prescindis da ventura
De ver da Patria os filhinhos,
No berço abrir-vos os braços
Como a seus meigos Padrinhos.

De ver as Luzas Matronas
Engrinaldar-vos com flores;
Da honra, espozos, e filhos
Como leaes defensores.

Convencidos de que empregos
São d' huã tal natureza,
Que he gloria afastarse delles,
E procuralos vileza.

Como mui bem o sabia
Don João dito o Segundo;
Que ao que empregos lhé pedia
De mão largava iracundo.

Logo quem foge d' empregos
He muito mais gloriozo,
Doque o nescio que os procura
Vil automato ventozo.

Perdo-ou o Povo a Sylla
Os crimes que praticou
Pella á si feita violencia;
Quando o governo largou.

Diocleciano foi mais grande
No seu quieto retiro,
Do que fora subjugados
Os seus Rivaes, em Corcyro.

Foi mais heroe Carlos Quinto
Dimitido em seu Convento;
Doque as Cidades largando
Da guerra ao igneo elemento.

Bergás, e Monier na França
De gloria não se croarão;
Quando de valor exaustos
Modestos se retirarão?

Isto suposto prudentes
Buscai honra, gloria, e paz
Pelo trilho que so resta
Ao prudente, mas capaz.

Aproveitai a tabuinha
Que so pode vos salvar,
Entre essas ondas ferventes,
Em que estais a naufragar.

Maõs juntas pedi rendidos
Vossa honroza dimissão,
E será da vossa vida
Talvez a melhor acção.

18-388x

E allegar, que esse Congresso
Não permite que a pessais,
He banir os vomitorios
Das boticas, e hospitaes.

Talvez não sendo verdade
Nectar doce, que se trague:
Digais ... o Sermão, meu Padre,
Quem lho encomendou, lho pague.

Mas eu não lhes pesso nada;
Em Paga do meu sermão:
A paga que esperar devo
He cruel Perseguição.

Mas se accazo virtuozos
Pagar-des culto á Verdade,
Pesso que tenhaes juizo,
E poupeis a Humanidade.

F I M.

ODE

E VI,

PA ERSIDADE

Z,

;

TO OUVÊA.

C822
B862c
cop. 2
v. 2